

COMEDIA  
O MAIS HEROICO SEGREDO,

O U

ARTAXERXE.

COMPOSTA NA LINGUA ITALIANA PELO ABBADE.

PEDRO MATASTASIO.

PESSOAS, QUE REPRESENTAÕ:

*Artaxerxe, Rey da Per-  
fia.*

*Eritrea, Princeza.*

*Ernesto, amante de Eri-  
trea.*

*Artabano, Pay de Erne-  
sto.*

*Semira, filha de Arta-  
bano, amante de Ar-  
taxerxe.*

*Nicandro, General.*

*Paquete, 1. Gracioso.*

*Ranheta, 2. Gracioso.*

*Pipia, Lacaya.*

---

---

LISBOA:

Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.

Anno de 1764.

*Com todas as licenças necessarias.*

# O MAIS HEROICO SEGREDO, O U ARTAXERXE.

## ACTO PRIMEIRO.

Mutação primeira de Sális.

*Sabe Ernesto, Eritrea, Paquize, e Pipia,*

*Ern.* Dais, idolatrado,  
A Deus, firmosa Eritrea.

*Erit.* **A** Ernesto, ouve me, detem te.

*Ern.* Senhora, amante quizera

Atender-te, e largas horas

Gastar na tua presença;

Mas bem vez que a noite acaba,

Que a Aurora já rompe a esfera,

E he preciso que eu me aparte,

Antes do que a luz Febra,

Pregosira dos segredos,

Faça crime das finezas.

*Paq.* E além disso toda a noite

Levada sem mais na vela,

Com dize tu, diri eu.

Com requibros, e toleimas,

E a barrega como emplastro;

Pespegadõ nas costellas

*Pip.* Calle a bocca, defattento;

Tem queixa: com que não presta

Ter estado á minha vista!

*Paq.* He boa: mas eu quizera

Antes do que esses teus olhos

A olha de numa panella.

*Ern.* Pois, Ern'to, que resguardo

He este: e n vas cauidis!

Importa que o cluo dia

Dentro em Palacio te veja!

Tu do Principe Artaxerxe

Meu irmão, não tens estreita

Amizade, de meu Pai

Xerxe, pelas tuas prentis;

Não é visto com agrado!

Ligo não ha porque temas

Em Palacio apparecer,

Ou a qualquer horis entras;

Fingado com bella infultria,

Embrinla com disfeza

O incendio com que na oras,

Na ausencia com que certajas!

*Ern.* Já perdi ellis venturas,

Já minha fortuna cega.

Longo da sua vaidade

Tudo o edificio por terra.

O Rei teu Pai me aborrece;

O palacio se me facha,

Não sou valido, sou réo:

E tu, ó Princeza bella,

Es cauza deste infortunio;

Mas o meu juizo erra:

Não és tu sómente a cauza

Do meu mal, he minha estrella:

Mas deixa de ti queixar-me,

Para que o mond conheça

Que tu, bem idolatrado,

Es origem dessas queixas:

Se não como tyrania,

Como agradavel cegueira

*Frit.* Confisso que não te entendo.

*Ern.* Pois se aeazo das lingua,

Fu te relato os enigma,

Que este meu temer encerra,

Adorado bem desta alma,

Fernissima Eritrea,  
 Assombro do todo mundo,  
 Bello prodigio dos Persas,  
 Bem sabes, idolo amado,  
 E se ceazo não te lembra's,  
 Dentro nos cuidados proprios  
 Te infirma contigo a alma.  
 Bem sabes que não chegando  
 A untr-nos a natureza,  
 Foy que nascemos distantes:  
 Tu filha do Rey da Persia,  
 Eu do Capitão da Guarda:  
 Fu Vassallo, e tu Princeza;  
 Foi amor tão poderoso  
 Que aos impulsos das finezas  
 Subiu unte para os effectos  
 Quem seprava a grandeza.  
 Amet-te (O quanto vanlheria  
 Concho quando me lembra  
 Que tive um g'illo tão nobre,  
 E tão valente idolo,  
 Que arrancando das aljovas  
 Do fruxo Cupido as setas,  
 Dirigi tiros aos Ceptros,  
 Dei ass'los aos Diademas.  
 Amet-te, e achei na tua alma  
 Tão grata a correspondencia,  
 Que até o meu proprio gosto  
 Du idava se era certa  
 Huma ventura tão rara,  
 Que aos olhos se representa,  
 Se natural dos amantes,  
 Das Magestades alheia.  
 Mas como em meu coração,  
 Como nas minhas idéas  
 Não podia haver affecto  
 Separado da decencia,  
 Concertamos mudamente,  
 Com reciprocas promessas,  
 Unir as duas ventades  
 Naquelle prizão estreita,  
 Com que o sagrado hymineo,  
 Em ligaduras perpetuas,  
 De dous corações distinctos  
 Huma só alma concerta,  
 Cazar-me contigo intento.  
 Dize que a teu Pai te pezza  
 Por Esposa, assim o feço,  
 O que talvez não devera:  
 Mas pusto o amor abcluto

Destes ritos não dependa:  
 Com tudo, era mais illustre  
 Esta venturosa empreza,  
 Confirmados os excessos  
 Do amor nos da obediencia.  
 Veu ruzulto a Palacio,  
 Entre valeroso, e apenas  
 O soberbo pavimento  
 Pizava das Salas Régias;  
 Quando o coração saltando,  
 Como quem o mal reccia,  
 Pullyava dentro no peito  
 Com tão desfuzada pressa;  
 Que eu disse, estranhando o susto:  
 E que cobardia he esta!  
 Como he possível que á vista  
 De hum Rei meu amigo tema;  
 Quem á vista de inimigos  
 Foi sempre na horrivel guerra  
 Para os combates de bronze,  
 Para os temores de pedra.  
 Entre o temer, e a esperanza  
 Chego do Rei á prezença.  
 Vencelhe a Magestade,  
 Debrolhe o juchlo em terra;  
 Beijo a mão, elle benigno  
 Entre os seus braços me aperta.  
 Respirei com tanto agrado,  
 E em quanto o favor me alenta  
 Rompo as prizões aos segredos,  
 Que no peito o amor conserva;  
 Em fim, peço para Esposa  
 A ti, ó bella Princeza.  
 O Rei: (ó Ceos! dei piedozos  
 Constancia para esta pena!)  
 O Rey tanto que me ouvio  
 A pertençaõ, como féra,  
 Gest' irado, aspecto horrivel;  
 Mudando com impaciencia  
 Os agrados em rigores,  
 Me disse com voz feidra:  
 Vil, temerario, atrevido,  
 Pedes Esposa a Eritrea,  
 Sem reparar int'ente  
 Na distante differença.  
 Em que a fortuna distingue  
 O Vassallo do Diadema:  
 Senão julgara loucura  
 Essa pertençaõ tão nescia:  
 Seria resposta o alfanje,

Que te cortasse a cabeça;  
 Mas sabe, Vassallo infiel,  
 Sabe da minha presença;  
 E adverte que se em Palacio  
 Por acaso outra vez entras,  
 Que a tua vida será  
 O menor preço da offensa.  
 Disse, e voltando-me as costas  
 Com arrogancia soberba,  
 Me deixou, qual bronze immovel,  
 Como se n' a não, Pois crera  
 Qualquer, que estalava me visse,  
 Que a alma fugira daquella  
 Arrogancia, e que buscava  
 Socorro á paciencia.  
 Oh lei dura! que hum Vassallo  
 Ha de ouvir injurias nefcias  
 Do seu Rey, sem desafogo,  
 Ou no despique, ou na queixa,  
 Tendo o sangue as mesmas cores  
 Nas minhas, e suas veias!  
 Em fim, Princeza, eu perdi-te,  
 Pois teu pai tal bem me nega:  
 Perdi de Palacio a entrada,  
 E á vista de tanta perda,  
 Perder minha Patria quero,  
 E ir onde ninguem conheça  
 Hum triste, que por não ser  
 D'alta qualidade Regia  
 Se lhe negue para Esposa  
 A Princeza, que já era  
 Enleio dos meus affectos.  
 Sem duvida será esta  
 Ultima a vez, bem amado,  
 Que esses teus olhos me veja:  
 O Ceo te conceda Esposo,  
 Senhor de muitos Diademas;  
 Que toquem com aureo o Capto  
 Desde a terra á azul esfêra  
 Mas sempre, Senhora, adverte,  
 Que, posto mais nobre seja,  
 Rei, Monarcha, Imperador,  
 Nunca acharás quem me vença  
 Nós amores, nos excessos,  
 Nos extremos, nas finezas,  
 Na fé pura, e na lealdade,  
 Na constancia, e na firmeza.

*Pag.* Seja pelo amor de Deos  
 Esta tão comprida arenga;  
 Fóra, já de madrugada

Com a relação aberta.  
 Vejamos esta Senhora  
 Se concorda na sentença, *á p.*  
*Pip.* Não fallo por entre os dentes.  
*Pag.* Pois então a bocca me encha.  
*Erit.* Entre alfofros, e cuidados  
 Te ouvi, e effis tuas queixas,  
 Ferindo-me o coração,  
 Fazem dentro n' al no bracho,  
 Poré n' sempre hei de phar te  
 Tyranno; porque accrescentas  
 A hum mal outro mal maior;  
*Ern.* Que dizes?  
*Erit.* Meu Pai ordena,  
 Que sahiſſes de Palacio,  
 Tu da Cidade te ausentas;  
 Deves goſtar do retiro,  
 Pois mais distanciaſejas.  
*Ern.* Antes tu és a cruel,  
 Quando queres que eu esteja  
 Muito perto de teus raios  
 Sem gozar tua belleza,  
 Não lei, não, amado bem,  
 Que indicio de extremo seja  
 Ter-me perto dos estragos,  
 E distante das finezas.  
*Pag.* Isto he, como verbi gratia,  
 Em fraze mais corriqueira,  
 Estar vendo-te c'os olhos,  
 E comendo-te c'om a testa.  
*Ern.* Era fim, Eritrea amada,  
 Quiz a minha sorte adversa,  
 Que eu por amante Vassallo  
 Não te lograſſe, Princeza.  
 Parto, pois, a ver se encontro  
 Algumas nobres emprezas,  
 Onde meritos conſiga,  
 Ou onde diſtiſcoens tenha,  
 Com que iguale o ſer Real:  
 Porque em algum tempo vença  
 Alcançar aquelle bem,  
 Que impiamente ſe me nega.  
 Vou-me aonde: mas tu choras!  
 Oh, não, meu bem, não pertendas  
 Nas correntes do teu pranto  
 Accrescentar minhas penas;  
 As lagrimas, que despedas  
 Desses teus olhos, ſão ſettas  
 Com que a meu peito ferido  
 Novos golpes accrescentas:

Pai fazes, querido bern?  
 Que eu nella tyranna auzencia.  
 Soppoite a minha saudade,  
 E o teu tormento padega  
*Paq.* E tu, Pipia, não choras?  
*Pip.* Não Senhor, não fomos deffas.  
 Eu lagrimas por barbados!  
*Paq.* He porque nellas bochechas  
 Só tens por pranto o chorume,  
 Por lagrimas a ramella.  
*Erit.* Em fim, Ernesto, te apartas:  
 Oh que tyranna violencia!  
 Não tenho, Ernesto, não tenho  
 Valentia, com que veja  
 Separar-te de meus olhos:  
 Assim ferei a primeira:  
 Que me aparte, e desta forte;  
 Ainda que a dor seja intensa,  
 Sendo eu causa do retiro  
 Poupo metade da pena.  
 Quanto custa esta saudade!  
*Ern.* Quanto esta auzencia he violenta  
*Erit.* Serás firme na distancia?  
*Ern.* Muito mais que na presença.  
 E tu guardarás lealdade?  
*Erit.* Serei bronze.  
*Ern.* Pois eu pedra,  
 Que o Rei, que me nega a Espoza,  
 Não me domina a firmeza.  
*Erit.* Pois a Deos, querido Ernesto. *Vai-f.*  
*Ern.* A Deos, amada Eritrea.  
*Pip.* E vossê, Senhor Paquete,  
 Tambem se vai desta feita!  
*Paq.* Sem ser contigo, Pipia:  
 Não me faças tão patéta.  
*Pip.* A Deos, bons olhos é bispem. *Vai-f.*  
*Paq.* E a ti que te leve a breca,  
 Estóque dos coraçõens,  
 Carilho das consciencias.  
 Vamos, Senhor, que he já tarde.  
*Ern.* Vamos, vamos, quem pudéra,  
 Ou respirar mais fortuna,  
 Ou soppoitar me nos pena.  
*Aoir-se sabe sem Pai Artabano, q' o detem.*  
*Art.* Filho Ernesto, estamos lósi  
*Ern.* E hum criado.  
*Art.* Manda o embora.  
*Ern.* Paquete, vai para casa.  
*Paq.* Eu para casa, má oxa:  
 Esconde-se debaixo de huma meza.

Escondido aqui debaixo  
 Quero ver isto em que topa.  
*Ern.* Sós estamos, que pertendes?  
*Art.* Di-me a tua espada.  
*Ern.* Toma, senhor. *dá-lhe a espada.*  
*Art.* Tu guarda esta minha:  
 Mas peço-te que lhe escondas  
 O sangue em que está banhada.  
*Paq.* Sangue! tá; temos michordias;  
 Quem tem sangue faz chouriquos, á pé.  
 Eu cá tenho a tripa fereza.  
*Art.* Sahe, filho, de Palacio,  
 Antes que se acabe a Aurora.  
*Ern.* Oh Deoses! que sangue he este!  
 Dize, Pai, em que horrorosa  
 Vida manchaste esse ferro!  
*Art.* Tudo te direi, mas n'outra  
 Occasião. Parte depressa.  
*Ern.* Não me deixes a alma aborta:  
 Tu perturbado o semblante:  
 Tu com vozes temerosas!  
 A espada, banhada em sangue,  
 De madrugada, a estas horas!  
 Conta, Senhor, que fizestes!  
*Art.* Vingui, filho, a tua affronta;  
 Matei a Xerxe.  
*Ern.* Que dizes?  
*Art.* A quem te negou a Espoza  
 Tirei a vida: sou réo  
 Per teu respeito.  
*Ern.* E agora  
 Que mais intentas fazer.  
*Paq.* Obras de misericordia,  
 Depois de o fazer defunto  
 Quererá levallo á cová.  
*Art.* Medito mui grande empreza;  
 Porque além desta victoria  
 Intento fazer-te Rei  
 Vai, que a mim ficar importa.  
*Ern.* Eu me vou, porém adverte,  
 Que nunca accitarei Croa  
 Arrancada da cabeça  
 De outro Rei por máo traidora. *Vai-f.*  
*Paq.* Só em lugar de croa hum gallo  
 Talvez lhe pregue na bóla.  
*Sahe Ranheta.*  
*Ranh.* Que leve o diabo o officio;  
 Quebrada tivera as costas  
 No dia em que tomei crego  
 De ser guarda destas portas.

Nem de dia, nem de noite  
 Ha descença: he forte historia:  
 Ora feito enxota gatos,  
 Outras vezes feito enxota  
 Caes, ouvindo recadinhos  
 Já de Damas ramelotas,  
 Já de raparigas cécias,  
 Já de encapeladas donas;  
 E agora de madrugada,  
 Ainda antes do Sol ser fóra,  
 Vai tal balburdia em Palacio,  
 Tal gritaria, e michardia,  
 Que saltei da minha cama,  
 Sem ter ao menos huma hora  
 De engomar a cabelleira,  
 E encrespar a minha volta.

*Paq.* Virão já melhor figura.

Para carranca de proa. *á p.*

*Art.* Ranheta, que tens, que gritas?

*Ran.* Que hei de ter: mal de madorna:  
 Tenho somno.

*Art.* Pois tão cedo

Já tens abertas as portas?

*Ran.* Hoje he dia do diabo,

*Art.* Porque?

*Ran.* Faça-se de novas;

Não ouve essa gritaria:

*Dentro.* O traidor infame morra.

*Outras.* Traição, que a Xerxe matárao.

*Art.* Preciso he recobrar forças:

A morte eá descoberta,

Toda a industria me soccorra

Para compor fingimentos. *á p.*

Que não he virtude pouca

Saber fingir as palavras

Muito distinctas das obras.

Que horrendas vozes são estas,

Que confuzão lastimosa.

*Ran.* São tiplés, e contrabachos,

Que alternadamente são.

*Dentro.* Traição, que he morto ElRei Xerxe:

*Paq.* E eu que dessa negra obra

Nestes quatro pés de banca

Posso fazer huma prova.

*Sahe ElRei Artaxerxe.*

*Art.* Principe, Senhor, que estrago!

Que novo caso te assombra!

Que confuzão! que tumulto!

*Art.* Amigo Urbano, agora

Mais que nunca necessito

Que o teu amor me soccorra;

ElRei meu Pai Xerxe he morto

Esta noite, mas traidora

Quando descençaava entregue

Ao somno a vida lhe rouba.

*Art.* Como?

*Art.* De tyranna espada

Tem com ferida medonha

Trapassado o branco peito,

E banhado em sangue. Morra

O traidor, que affliu me offende,

Roubando huma vida heroica,

Que, sendo de Pai, e Rei,

Me deo vida, e me deo honra;

*Art.* He justo; mas quem seria

O aggressor desta horrôfosa

Maldade! qual impia mão

Teria violenta força

Para offender huma vida

De todos dominadora.

*Paq.* Eu estalo per faller:

Ha maior pouca ter nha?

Fu saio: mas que mecesse *á p.*

O Rei Xerxe que me imperta.

*Art.* Eu julgari que Dario

Meu irmão com vil deshonra

Em odio a seu Pai feria

Rêo desta acção aleivosa.

*Paq.* Pobre, que talvez na cama

Esseja dando tres voltas,

Eu saio: mas que morresse *á p.*

O Rei Xerxe que me imperta.

*Art.* Dizes bem; pois quem podia

Da noite entre as negras sombras

Chegar-se ao leito Real,

Matar a ElRei, se não fora

Muito do interior da-caza:?

Foi a mão ambiciosa

De Dario, que deo morte

A seu Pai, para que péssa

Cingir em mais breves dias

Na cabeça a Regia Coroa.

Ah Senhor, e quanto temo,

Em tragedia lastimosa,

Que quem tira a vida a hum Pai

Tambem a tus não soffra

*Paq.* Ora anda, Real carafco,

Mette-lhe mais duas contras.

Eu saio: mas que morresse *á p.*

O Rey

O Rei Xerxe que me importa.  
*Ant.* Pois se ha entre vós quem tenha  
 Amizade, brio, e honra:  
 Se ha quem tenha compaixão  
 Da dor, que a alma me soffoca,  
 Vá, que eu dá a authoridade,  
 Castigue o Rei desta a affronta,  
 Vingue a morte de seu Rei,  
 Quem fôz parecido morra.  
*Ant.* O lá guardas, estas vezes,  
 Que em v'ossos ouvidos são,  
 São de filho, que succede  
 A seu morto Rei na Coroa.  
 Partí já com ligeireza,  
 E sem obediencia prompta,  
 Castigai o infame réo,  
 Que a empresa tão herica  
 Eu, que o v'osso Capitão,  
 Anunciarei v'ossas forças  
 A cabe o réo do d'ucto,  
 Quem me acia a lei Rei meira. *Vay-se.*  
*Ant.* M'um, e seja esta vingança  
 J. f. f. na executora  
 Quem faça ao Regio cadaver  
 Na morte as primeiras honras. *Vay-se.*  
*Pag.* Fóra lá com o atabanas  
 Como tesse a circumba.  
 Deixem-me sair; mas irra,  
 Cá ficou o mestre enxota;  
 T. mára que esse salvage  
 Ao meço voltasse as costas.  
 Quist não he para seu prato:  
 Elle ahí outra vez volta.  
 De estar embancado tenho  
 Huma eternidade toda. *á p.*  
*Ran.* Ora vejaõ que succede!  
 Em nome de benta hora:  
 Fico atolico, e patinado!  
 A'almas de miaracas:  
 E para amor de hum defunto  
 Sahi da minha picheira!  
 Em quanto o paio vai, e vem  
 Fizem que f'izão as costas.  
 F. eu no emtanto nella meza  
 Queiro d'le-nger por hora.  
*Pag.* Esto agora me faltava!  
 Dehanc u-n-o: ora está boa!  
 Avezendou-se: não presta!  
 F. le suponto que irga  
 Comaigo a banca, pois f. z.

Parolin do ás de copas.  
*Ran.* O diabo dos capatos  
 Pezaõ mais de meia arroba.  
 Vejaõ lá a porquidade. *facode os pés.*  
 Que tem pegada nis sólas.  
*Pag.* Irra, cá sette levar,  
 Tal não adminto na bola.  
 Eu vou sabindo, succeda  
 O que succeder. Mas fóra, *F. scarro Rei.*  
 Pó diabo, olhe o molino, *(uheta.*  
 Que ameiçoa, que desentola:  
 Fu dou já com elle em terra.  
 Por Deos não ha quem tal soffra. *á p.*  
*Ran.* A modo que trems a banca,  
 De- ser de algum pé cacha.  
*Pag.* H: porque tem cinco pernas,  
 E a do meio hum tanto grossa. *á p.*  
*Aira com a banca.*  
*Ran.* Ah que delRei quem me acode,  
 Quem pega nesse patóla,  
 Lá vai hum ração na capa,  
 Ai os enudos da volta.  
*Pag.* Grita, que eu vou-me cifando:  
*Correndo pelo tablado.*  
 Mas esta he peor agora:  
 Esta porta esta fechada,  
 Também esta, vamos á outra.  
*Ran.* Ah que delRei.

*Sabe ElRei Artaxerxe, e Nicandro.*

*Ant.* Quem dá vozet  
*Pag.* Sou eu o mefimo que grito.  
*Ran.* Agarrem com muita força  
 N'esse traidor, que escondido  
 Estava de noite em caza,  
 E agya com rebelião,  
 Lancando comigo em terra,  
 Se queria ir sacudindo.  
*Ant.* Nicandro, prendei esse homem.  
 Não sei o que n'alma advinho:  
*Ran.* Vá prezo, que he gran tunante.  
 Fu basto, deixe o commig.  
*Pag.* Senhor: eu: : v'ossas mercês: :  
 Elle: : e então: : eu não sei dista.  
*Ant.* Traidor, esse teu semblante,  
 Esse temor, d'os indicio  
 De que tu fosse o gorrilior  
 Do mais en-ruc delict.  
*Pag.* Fu traidor: de que t' da morte!  
 Não Senhor: eu conto, eu digo

Como foi: faça de conta: :  
 Ariz. Não quero os teus desatinos  
 Ouvir agora. Este homem  
 Seja em custódia mettido  
 Logo logo sem demora,  
 Porque julgo que he preciso  
 Fazer exame no caso.

*Leva Roubeta preso a Poquete.*

O' lá. Nicandro a Dario  
 Não se mate, que talvez  
 Não seja do parecido  
 Author, talvez que innocenté  
 Esteja; dá logo avizo  
 A Artabano, que suspenda  
 A morte em quanto examino  
 Para o perdão a innocencia,  
 O crime para o castigo.  
 Mas empreza tão preciza  
 De outro nenhum mais confio,  
 Eu vou mesmo pessoalmente  
 A ver se da morte o livro.

*Sabe Semira.*

Sem. Principe; Senhor, espera.

Ariz. Não me detinhas;

Sem. Que he isto:

Tu me desprezas! não sabes  
 Que dos teus amores vivo!

Ariz. Eu te amo, porém agora  
 Só ha tempo em tal perigo  
 Para mostrar-me zeloso,  
 Não para tratar-te fino.

*Vai-s.*

Sem. Valha-me o Ceo, que de sustos

Me combatem os sentidos.

Meu irmão Ernesto sabe  
 Ainda escuro deste sitio,  
 Encontro meu Pai armado,  
 Não me falla, e agora sinto  
 No Principe, que me adora;  
 Hum desprezar tão esquivo,  
 Que sege das minhas vózes,  
 E não ouve os meus suspiros!  
 Nicandro, não me dirás  
 A causa destes prodigios?

*á p.*

Nic. Ainda, Semira, não sabes,

O que he de todas sabido!

Que matará ao Rei Xerxe.

Sem. E quem foi o réo!

Nic. Dario,

Dizem muitas conjecturas.

Sim. Que escuto: ah barbaro filho!

Que pena! que horror! que susto!

Nic. Tens genio mui compassivo,

Per isso olhas os estragos

Com excessão tão sentido.

Pois sabe que talvez sejaõ

Em teu favor os delictos.

Que importa que hum Rei faltasse!

Outros ha na Persia dignos

De occuparem Real Throno,

Sem nascerem de Rei filhos.

Deixa que entre si contendaõ

Artaxerxe. e mais Dario:

Corra mutuamente o sangue

Dos dous em funestos rios,

E queira o Ceo que ambos siquem,

Não vencedores, vencidos,

Sim. Que mal discourses, Nicandro,

Não he teu conceito digno

De hum General, que nas armas

Tem na Persia pleno arbitrio,

Não approvo o teu dictame,

Não accetto o teu allivio,

Pois basta, para tormento

De meu coração afflicto,

Ver que a vida de Artaxerxe

Corre em taes trances perigo.

Nic. Teu coração, como amante

Do Principe, por capricho,

Não falla, não, de zelo,

Falla, sim, de aborrecido.

Falla o amor, não piedade:

Mas attende zo que te digo:

Suppõem que Artaxerxe he Rei:

Que triunfante de Dario

Sóbe ao Throno, o Cepetro empunha;

E em tanta grandeza ativo

Te desprezará soberbo

Quem te respeitava fino.

Pois se não triunfar, ficando

De seu irmão opprimido,

Quem o chegar a vencer

Ha de querer vello extincto

E assim, Semira, repara,

Que entre ambos estes dous riscos

Sempre para Esposo o perdes,

Ou vencedor, ou vencido.

Queres tu o meu conselho!

Busca para os teus carinhos

Hum amante, que te iguale!

Pois tem amor feus desvios;  
 Quando a termo desigual  
 Faz pontaria c'os tiros.  
 Deixa a quera te não attende,  
 E lembra-te dos genidos  
 De quem no altar de teu peito  
 Faz d'alma mil sacrificios.  
*Sem.* Nicandro, o teu parecer  
 He proprio de teu juizo;  
 Mas quero recompensar-to  
 Com outro não meenus digno.  
*Nic.* Qual he, Senhora?  
*Sem.* Que deixes  
 De querer-me: pois já sinto,  
 Que, além de ser, importuno,  
 Vás passando a aborrecido.  
*Nic.* Impossivel he, Senhora,  
 Que te veja meus tenidos,  
 Sem que me deixes na villa  
 Todo o coração cativo.  
*Sem.* Pois quem te obriga a querer-me?  
*Nic.* O teu semblante divino.  
*Sem.* Aparta de mim os olhos.  
*Nic.* Se tu tens mil attractivos.  
*Sem.* Nicandro, não vás errado,  
 Teus mesmos dictames sejo;  
 Empreza o amor onde sejas  
 Menos mal correspondido.  
*Nic.* Faço timbre de querer-te.  
*Sem.* Eu de te aborrecer capricho.  
*Nic.* Hei de ser para adorár-te  
 Châma ardente, incendio achiyo.  
*Sem.* Pois eu para resistir-te.  
 Pedra dura, gelo frio. *Vub.f.*

Villa de carcere. *Sabe Pipia.*  
*Pip.* Negra roda da fortuna,  
 Que em lha tirando o preguinho  
 Tudo vai n'uma poeira  
 Pelos ares rébolindo.  
 Morreo o Rei na sua cama  
 Será ter nem febre, nem frio.  
 Quem seria o desalmado  
 Que matou o coitadinho:  
 Dizem-me que se prendeo  
 Hum homem descoñhecido,  
 E que está pesto em custodia,  
 Tomára ve-lo: pois sinto  
 O coração tafe, tafe,  
 Dando no peito pulinhos,

*Dentro Paquete no carcere.*  
*Paq.* Não ha huma alma damnada,  
 Que me livre d'esse sitio:  
*Pip.* Ai, que elle cá falla; ah pobre!  
 E se não me argana o juizo,  
 Eu já cuvi esta voz.  
*Paq.* Quem vai passando, ó menino!  
*Pip.* Não he menino, he menina.  
*Paq.* Tanto melius O' feitiço,  
 Vê se me podés tirar  
 D'esse carcere mesquinho.  
*Pip.* Tu quem és?  
*Paq.* Eu sou Paquete,  
 Paquete mal succedido,  
 Paquete das afflicções,  
 Paquete dos labyrinthos,  
 Paquete dos infortunios.  
*Pip.* Es Paquete? coitadinho!  
 Quem te fechou nesta caza?  
*Paq.* Esse peruca maldito,  
 Esse porteiro dos gatos,  
 Esse varredor dos ciscos,  
 Esse Rânheta, ou ranhoso,  
 Burro em carne, ou demo vivo!  
*Pip.* Logo te fosses metter  
 Nas garras d'esse molino:  
 Cala-te, que elle cá vem.  
*Vem Jahindo Ranheta.*  
 Venha elle embora, meu lindo!  
 Como está bello, e bizarto?  
 Parece mesmo hum Narcizo.  
*Ran.* Vossê, Senhora Pipia;  
 Contra o seu costume antigo,  
 Faz-me hoje muitos affagos,  
 Mostra-me muitos carinhos.  
*Pip.* He porque assentei deveras;  
 Que só tu, meu buginico,  
 Es bem pesto para amante.  
*Paq.* Eu quasi em zelos me frijo:  
 Olhe a porca os reconcomiões  
 Com que trata o negro ouriço! *d. p.*  
*Ran.* Tens razão, que eu sou bem pesto. *d. p.*  
*Paq.* Tem hum galante feitiço  
 Os pézinhos são de dama,  
 As pernas não são de bilro,  
 Da barriga mui bem podés  
 Fazer quarenta chouriços;  
 A carinha he hum portento:  
 Faz-se pelo melhor rifeo,  
 Que lá dos quintos infernos

Trouxe hum pintor de cabritos.  
*Pip.* Tudo tem huma lindeza.  
*Ran.* Bãstã que me dizes isso!  
 Ai Pipia dá minha alma,  
 Eu não caibo em mim, eu grito:  
*Bip.* Traz vossê pela algibeira  
 Alguma codea, ou sequilho,  
 Com qua dé para almoçar  
 Sya Clori de cachimbo!  
*Ran.* Eu não vinha preparado.  
*Pip.* Ainda assim, eu não me fio,  
 Quero apalpar, guarde lá;  
 Ai, que tem aqui? que he isso?  
*Ran.* Isso he a chave do prezo.  
*Pip.* Não quero chaves, maldito.  
 Mas eu não quero outra couza, á p.  
 Assim a chave lhe pilho, tira-lhe a cha-  
 Para pôr na rua livre (ve.  
 O pobre do Paquetinho,  
 Não tem nada, he pebrtao,  
 Vã-se dahi que he mofino.  
*Ran.* Pipia, se me dás tempo,  
 Vtrás como me despico.  
 Eu vou bulçar para o almoço,  
 Espera aqui neste sitio.  
*Pip.* Ora vá, venha depressa.  
*Ran.* Como hum gamo robolindo. *Vai-f.*  
*Pip.* Isso mesmo he que eu queria:  
 Metto a chave, abro o postigo,  
 Entro na custodia: triste  
 Paquete, lindo brinquinho,  
 Prezo tu por testemunhos!  
 Deos nos livre de inimigos.  
*Paq.* Ete peço que me livres *Vai sahindo.*  
 Por; seculos infinitos  
 De Palacios, e de bancas,  
 Quando ha porteiros malignos;  
 Que tem prompto hum testemunho!  
 A quem lhe quebra os focinhos.  
*Pip.* Eia, tratar de fugir.  
*Paq.* Como  
 Ha de ser?  
*Pip.* Eu to digo:  
 Esta saia, e esta capa;  
 Que falta me não faz, dispo;  
 Dã-lhe a soia, e capa.  
 Tu vã-te de mulher,  
 Vai para fóra sahindo,  
 Que inda que o velho te encontre  
 Sabes sem que sejas visto.

*Paq.* Oh, abençoada sejas  
 Vã já depressa despindo,  
 Ataca-me aqui detraz;  
 Pois que tal estou! bonito!  
 Depressa venha effi capa.  
 Se eu desta tratada livro  
 Vã hum Paquete de cera  
 Ao altar de saõ Pipio.  
*Pip.* Estás bello: vai-te embora.  
 A Deos. *Vai-f.*  
*Paq.* Elle vá comtigo,  
 Vã Adaõ em fóma de Eva,  
 Tudo em Paquete mettido.  
 Mas ai de mim! azuis peccados!  
 Torna o velho.

*Sãhe Ranheta.*

*Ran.* Meu feitiço!  
 Tu cobristes a cabeça!  
 Para que he com tanto brio  
 Encobrir a quem te adora  
 Deste templo o frontispicio.  
*Paq.* Paciencia, he força fingir. *á p)*  
 He porque faz muito frio,  
 E tenho nella humas d'ores  
 Tamanhas: :  
*Ran.* Ai, muito sinto;  
 Pois não descubras, meu bem.  
 E podes comer!  
*Paq.* Mastigo  
 Com meu trabalho, mas como.  
*Ran.* Pois toma paio cozido,  
 Toma prezunto, e mais doce.  
 Pois entãõ, sou teu amigo!  
 Sabes que mais: até trago  
 Huma pinguinha de vinho.  
*Paq.* Que bellos amores tenho!  
 Pois olha, eu guardo tudo isso,  
 Vou-me, antes que venha alguem.  
*Ran.* Não me fazes hum carinho?  
 Porém tá, que lá vem gente.  
*Paq.* Pois eu fujo. *Vai-f.*  
*Ranh.* E eu não fico. *Vai-f.*  
*Sãhe Eritca.*  
*Erit.* Cercada de meus pezares,  
 Temerosa em taes perigos,  
 Não encontro quem me dé  
 A meus tormentos allivios.  
 Perdi pai, perdi o amante,  
 Que infortunios successivos!  
 E até julgo que os irmãos

Tambem chorarei perdidos.

*Sabe El Rey Artaxerxe, e logo Artabano.*

*Artax. Principeza!*

*Erit. Artaxerxe, Irmao!*

Esta Dario ainda vivo,

Ou ja no sangue fraterno

Es réo de novo delicto!

*Artax. Eu sim desejo, ó Principeza,*

Que se livre do supplicio

A innocencia, sim passei

Decreto, mas advertido

Trabalho agora ancioso,

Por ver se posso impedillo,

Porém com tanto infertunio,

Que tenho já discorrido.

Todo o Palacio, não vejo

Artabano, nem Dario.

*Erit. Artabano está presente*

*Art. Que queres, Senhor!*

*Artax. Arriço,*

Eu a ti procurara.

*Art. Eu*

Tambem a ti, que finto:

Acazo estás temeroso!

*Artax. Sim, mil sustos irragino.*

*Art. Não temas, estás seguro,*

Já compri o teu designio.

Tu, Artaxerxe, és meu Rei.

Fica punido Dario.

*Artax. Oh Deoses!*

*Erit. Oh que desgraça!*

*Art. Estavas arrependido!*

Executei teu Decreto,

Fiz da promptidão capricho.

*Artax. Foi mui depressa, Artabano,*

Se foras mais advertido

Deveras dar algum tempo

Entre o Decreto, e o castigo.

Sim, devias reparar;

Que a pena altera o juizo,

E que os decretos de ira

Não são dos acertos filhos.

*Art. Tambem minha grande dor*

Não deixou livre o sentido

Para essas taes advertencias:

Passei ordem, e de improvizo;

Na ponta da aguda espada

Rendeo o ultimo gemido;

E a esse arrependimento

Que cauza tens, que motivo?

*Artax. Porque prendeo-se em Palacio*

Hum homem, que dá indicios

De ser traider.

*Art. Quem feria!*

*Art. O lá, seja conduzido*

A minha prezença o prezo:

Porque quero dos seus ditos;

Ou apurar a innocencia,

Ou a traicão de Dario.

*Erit. Ah Artabano, Artabano,*

No teu furor repentino,

Mais do que muito obediente

Mostrastes ser muito impio.

*Art. Senhora, eu fui quem matei;*

FiRei mandou, e he precizo,

Que se foi delicto a morte,

Eile he cauza do delicto.

*Artax. Sim, dizes bem, porque eu sou*

Só o réo deste homicido.

*Art. De que és réo de huma justiça!*

De hum excessivo vingativo,

Para despique de hum morto,

E exemplo de muitos vivos!

Não fustes réo, não, meu Rei;

Fostes, sim, com forte brio,

Author de huma recludão.

E eu della heroico Ministro.

*Sabe Ranheia.*

*Ran. Senhor Rei, ah que delRei!*

*Artax. Que tens, que queres?*

*Ran. Afflicto*

A vossos Reaes pés venho

Dizer: : não sei que em mim finto.

Vou-me, que não sou capaz

De me ver nestes conflictos.

*Erit. Diz o que tens.*

*Ran. Que ha de ser!*

Aquelle prezo escondido;

Que atirou commigo em terra; /

Machucando-me o focinho,

Fugio.

*Artax. Ha mais insolencia!*

*Ran. Não Senhor, não he fugido;*

Foi-se embora, não está lá.

*Artax. Em Palacio ha fermentidos,*

Que favorecem traicoes,

E tu, tonto, em taes delictos

Deves de ter grande parte

*Ran. Eu fui buscar hum chouriço:?*

*Erit. Calla, louco.*

*Ran.* E elle estava.

Foi: vai entao o pestigo::

E que me leve o diabo

Em corpo, e alma se eu mintio.

*Artax.* Prenda-se, porque he suspeito.

*Ran.* Ai o meu paio cozido,

Meu prezunte da minha alma,

Minha borcecha de vinho:

*Levaõ prezio a Renhessa, e sahe Semira.*

*Sem.* Artaxerxe, cobra alento.

*Artax.* Não cabe no peito afflictio

*Sem.* O matador de teu Pai

Não foi teu Irmão Dario.

*Erit.* Que escuto!

*Artax.* Tu donde o sabes!

*Sem.* Porque distante divizo

Entre los guardas prizioneiro

Hum homem, e com altos gritos

Todos clamaõ que he o author,

Quê dá do seu crime indicio

Pelo semblante confuzo,

Pelo fallar retrahido,

E pelo ferro da espada

Banhado com sangue frio.

*Artax.* Ouviste o nome do réo?

*Sem.* Não f. i. possivel ouvillo.

Só naquella confuzão

Todos em modo sentido

Deraõ a conhecer que o réo

He nobre, illustre, e distincto.

*Erit.* Queira o Ceo não seja Ernesto. *á p.*

*Art.* Já sei que o prezio he meu filho. *á p.*

*Artax.* Oh Deos! reconheço agora.

Quem eu sou réo, cruel, e impio;

Pois no sangue do innocente

Manchei meu Throno luzido.

*Sem.* Senhor, de que te lastimas?

Que já matastes a Dario!

*Artax.* Já, Semira, já morreo,

Sendo eu author do delicto.

Nunca mais terei socego.

Em quanto respirar vivo.

Effeites de meus remorsos

Seraõ sempre meus suspiros;

Sempre me parecerá

Perceber nesses ouvidos

Desse espirito innocente

Os clamores compassivos.

A cada parte, que volto

A vista, logo divizo

As furias, que vem a dar-me

Deste mal justo castigo.

-Em cada passo que movo,

Verei no interior do abyssmo

Accezo para abrízar-me

De Plutaõ o fogo activo.

*Erit.* Modéra, Senhor, a pena.

Sim foi erro o homicidio,

Mas quem mal commette errando,

Não he réo para o supphio.

*Sem.* Dá satisficção ao mundo,

Separando dentre os vivos

Quem deo cauza a tantos erros

Com seu fatal delvario.

*Artax.* Venha, venha sem demora

Esse traidor, esse indigno.

Traze-o á minha presença.

*Art.* Eu vou, Senhor. Oh que risco

Tenho o coraçõ!

*Artax.* Detem-te,

Espera, Artabano amigo,

Semira, Eritrea, todos

Não me deixem tal conflicto,

Bem sabeis quanto careço

Neste trabalho de allivio.

Dai-me vós, como fideis,

Castolação nos martyris.

Artabano, só me falta

Aqui Ernesto teu filho.

Aonde está Ernesto; onde?

*Erit.* Ernesto está prohibido

De entrar em Palacio.

*Artax.* Venha:

Porque o quero o ter commigo.

Venha, venha a assistir-me,

He amigo fiel, constante, e firme.

Venha Ernesto a Palacio, venha á Cort.

*Sahe Nicandro, e depois Ernesto desarm.*

*entre as guardas.*

*Nic.* Ernesto he o prezio réo, que ao Rei

morte.

*Artax. e os tres.* Que escuto! póde ser?

*Nic.* Na tua presença

Está o réo da mais ingrata offensa

Beim o accuza o semblante.

*Art.* O filho!

*Artax.* O amigo!

*Sem.* Meu irmão!

*Erit.* O amante!

*Artax.* Ernesto, Ernasto, em tanta crueldade

Vcio

Velo a parar o amor . e a lealdade ?

Tu falso ! tu traidor ! tu delinquente !

*Ern.* Meu Rei, não sou traidor sou innocête.

*Erit.* Quizera o Ceo que fosses verdadeiro.

*Artx.* Pois estás innocête, e és prisioneiro ?

*Ern.* Ser prezo não he culpa, será fada.

*Artx.* Pois se não és culpado

Vence de alguma forte

Indícios, que te fazem réo da morte.

Essa voz, essa cor, essa prezença :

*Ern.* Eu não sou réo: não tenho mais defença.

*Erit.* Tu vivias delRei Xerxe queixoso :

*Ern.* Porque não quiz q' eu fosse teu Esposo.

*Erit.* Tu fugias da Corte :

*Ern.* He verdade : fugia á minha morte.

*Artx.* O silencio te argue de falsario.

*Ern.* Callar he necessario.

*Artx.* Tens semblante afluído

*Ern.* Se sou prezo, isto pede o meu estado.

*Erit.* E a penetrante epida

Com o sangue banhada :

*Ern.* Na minha mão se achou.

*Artx.* E não mataste ?

*Erit.* Comtudo, a vida a Xerxe não tiraste :

*Artx.* e *Erit.* E não és delinquente !

*Ern.* Tudo assim foi ; mas eu sou innocente

*Artx.* A confuza apparencia

Clara, por mais q' affirmes a innocencia,

Que fosses author da morte deshumana.

*Ern.* Essa apparencia engana.

*Artx.* Tu que dizes, Semirâ :

*Sim.* Fôrou confuza.

*Artx.* Falla, Artabano.

*Art.* Eu não lhe vejo escuza.

*Artx.* Ai de mim, inteliz, q' em tanto enleio

Não sei escolher meo

Para bem conhecer neste conflicto

Innocencia, ou delicto.

Condenarei á morte, oh impiedade !

Quem distingue o amor para amizade ;

Mas se a vida lhe dou, sendo alçivoso,

Falto, por piedoso,

De meu Pai á lembrança,

Desprezando a justissima vingança.

Homem, rompe o segredo,

Despe o temor, o espanto, o susto, e medo :

Defende-te do crime :

Que em tâtas côjcturas réo te opprime :

rôrs a tua innocencia,

P'que eu quero uzar contigo de clemência ;

Pois não quizera ser justo homicida

De hū amigo, a que devo a propria vida ;

*Ern.* Já, Senhor, que fallaste

Na vida, que alcançaste

Pela forte defença do meu braço,

Só della menção faço,

Para do crime imposto defendér-me.

Eu cheguei a metter-me

Entre as ferozes armas do inimigo,

Puz o peito ao perigo

Por chegar cō meu braço, e minha espada

Aonde multidão de gente armada,

Lançario-te por terra,

A vida te tirava em dura guerra.

Cheguei, livre-te, e quasi já perdida,

Com meu perigo resgatei tua vida.

E como ao Pai a vida tiraria

Quem tão forte a do filho defendia :

Mas, se esta acção não basta a libertar-me,

Pódes já condenar-me,

Dá-me tyranna morte :

Mas sempre conhecendo desta sorte,

Que a vida tiras com impiedade crua

Aquella mesmo, que te deo a tua:

*Art.* Toda essa valentia

O seu preço, perdeu na aleivoria,

Provada com tão fortes conjecturas,

*Ern.* Também tu contra mim Pai te côjuras :

*Art.* Que esperavas de mim: q' eu fôsse parte:

Nesta tua traição: para accuzar-te

Sou rigido fiscal: Senhor, condena!

Este barbaro filho a justa pena.

A quem foi cō seu Rei tão deshumano

Não lhe serve ser filho de Artabano :

Este Pai filhos perdidos não conta

Já meu filho não és, és minha affronta,

*Artx.* Grande fidelidade !

*Art.* Se tens delle piedade

Deixa a compaixão, esquece o affecto,

Mova-te a indignação: aquelle aspecto :

*Artx.* Entre affectos oppostos, meu cuidado

Se perturba indignado, e compassivo :

Meu coração deseja Ernesto vivo,

Minha justiça o pede castigado.

Para ser atrozmente condemnado

He de hum Pai ser traidor justo motivo :

Mas meu amor, não sei se de excessivo,

Innocente o contempla, e não culpado.

Se elle meu Pai matou merece a morte :

Mas se a vida me deo hei de inconstante

Condensillo a affrontoso mortal cõrte:  
 Não sei que faça, fico vacillante:  
 Pois me contemplo neste lance fôrte  
 Filho, e juiz: mas devedor, e amante. *V.*

*Art.* Ah filho meu amado,  
 Quanto estás por teu Pai hoje infamado!  
*Erit.* Que mais succederá?  
*Sem.* Oh quanto temo?  
*Ern.* Eu não tenho f.cego;  
*Art.* Eu finjo, e tremo!  
*Ern.* A todos soffro, ó Pai, accusadores:  
 Mas que uzes tu comigo taes rigores:  
 Que a minha morte peça  
 Quem me deo o viver? E que se esqueça  
 Do amor, da confidencia,  
 Para não abonar minha innocencia:  
 Oh, ao menos, Senhor, nesta crueldade  
 Ache no Pai o filho huma piedade.

*Art.* Não me chames teu Pai, q'he affrontoso  
 A' minha nobre illustre qualidade  
 Ter hum filho traidor, filho aleivoso,  
 Que em sangue as mãos manchou da  
 Magestade,  
 Meu já não és, és filho indécorofo  
 da tua mesma infame atrocidade,  
 E se és meu, só ferás, á morte exposto,  
 Minha dor, minha injuria, meu desgosto. *V.*

*Ern.* Oh Ceos, e permittis q' assim declame  
 Contra hu filho innocête hu Pai infame!  
 E tu, Irmaã querida,  
 Tambem contra esta vida  
 Mostras indignação, exhalas ira:  
 Ouve-me tu, consola-me, Semira.

*Sem.* Não te ouço, não te attendo, nem me  
 chames.  
 Irmaã tua, pois fomos mui deformes,  
 Eu nunca tive propensões infames,  
 Tu, falso, executastes accoens enermes.  
 Irmaos fomos, mas hoje não me infames,  
 Que o mundo cuidará fomos confórmes,  
 E julgará malevolo, e imprudente,  
 Que fomos, tu traidor, e eu delinqüete. *V.*

*Ern.* Não ha, compadecido em tal tormento,  
 Quem me tire este alento:  
 Nicandro, se ha piedade: :

*Nic.* Não ma falles, horror da atrocidade.  
*Ern.* E tu tambem, Princeza: :  
*Erit.* Não me falles, ó monstro de feteza.  
*Ern.* Ouve-me tu, amigo.  
*Nic.* Eu não ouço hum traidor. *Vai-f.*

*Ern.* Pois não confgõ,  
 Que attendas, Eritrea, o teu amante:  
*Erit.* Quê he traidor não se ouve hum só in-  
*Ern.* Minha vida, meu bem: : (fãte.  
*Erit.* Ah deshumano!  
 Chamates-me meu bê, sendo hu tyrãno!  
 Aparta, não me prendas,  
 Depois do Pai, a filha não offendas.  
 Segurar-me com mãos tão fementida,  
 Que tirou do seu Rei a amada vida!

*Ern.* Princeza, eu não matei.  
*Erit.* Pois que foi? falla.  
*Ern.* Não pôde a voz, e o coração çãla:  
 Mas esta minha bocca: :  
*Erit.* He mentirosa.  
*Ern.* A voz: :  
*Erit.* He enganosa.  
*Ern.* O coração: :  
*Erit.* Não sente  
 Ver-se de infame crime delinqüente!

*Ern.* Eu sou: :  
*Erit.* Es hum traidor.  
*Ern.* Sou fiel amigo,  
 Juro aos deotes: :  
*Erit.* Não teme, não, o perigo  
 De ser infiel á sacra divindade,  
 Quem ao Rei não guardou fidelidade.

*Ern.* O Pai tyranno, e impio! *a p.*  
 Por tua compaixão mancho o meu brio!  
 Amada, se foubesses: :  
*Erit.* Sei q' de herã, de brio, e amor te es-  
*Ern.* Enganas-te, Eritrea. (queces.  
*Erit.* Já pode a tua idéa  
 Algum tempo enganar-me,  
 Quando fazias confissoens de amar-me;  
 Entãõ te amei com primoroso excessõ.

*Ern.* E agora:  
*Erit.* Te aborreço.  
*Ern.* E és: :  
*Erit.* Queres que o diga:  
 Sou tua inimiga.  
*Ern.* E queres: :  
*Erit.* Tua morte.  
*Ern.* Pois assim dessa fórte  
 Me deixas desprezado:  
*Erit.* Em odio tenho o amor todo mudado.  
*Ern.* E credito não dás a esta verdade;  
*Erit.* Só creio que és traidor.  
*Ern.* Oh impiedade! *Vai-f.*

## ACTO SEGUNDO.

Mutaçãõ de Sála.

*Sabe Pipia, e Paquete.*

*Pip.* **C**omo he possível, Paquete,  
Que já sem susto, nem medo  
Venhas outra vez ao Paço?  
Não te lembra aquelle negro

Carcere, ou prizaõ mofina,  
Onde darias em secco,  
Se com minha saia, e capa  
Não te facasse a passio.

*Paq.* Lembra me por meus peccados  
E só de lembrar-me tremo;  
Mas agora valoroso  
Em Palacio outra vez entro;  
Nem que eu fosse algum Gigante  
Hercules dos nossos tempos.

*Pip.* Aposto eu que isso he fineza  
Frita cá por meu respeito.

*Paq.* Se te devo a liberdade,  
Não te virei ver ao menos?

*Pip.* Tambem deve a capa, e saia.

*Paq.* Nisso agora não fallamos

*Pip.* Que? a saia, que me custou  
Alguns dous mil e dez centos,  
E a capa novinha em folha;

*Paq.* Não fallas em trapos velhos;  
Escuzemos ceremonias,  
Deixa-te de cumprimentos.

*Pip.* Não ha maior insolencia:  
A quem deo o meu affio?  
Foi a alguma trapalhona  
Dessas Ninfas de chichello?

*Paq.* Não senhora, ainda mais alto  
Calça dez pontos e meio!  
Foi a huma moça: huma deusa  
De bigode feito ao ferro.

*Pip.* Isso faz-se, bribantaõ!

*Paq.* Logo cuidas que isso he certo!

*Pip.* Pois que lhe fez?

*Paq.* Não a fiz,

Desfilla para remendos.

*Pip.* E a capa? diga,

*Paq.* Empenhei-a

Em casa do Pasteleiro.  
Não fallas em ninharias;  
Vamos ao que importa. Eu venho  
Só para fallar a ElRei.

*Pip.* A ElRei: Olhe o atrevimento!

*Paq.* A ElRei mesmo em carne: entãõ,

Não sou capaz? Pois que temos:  
de sorte que ouço dizer,  
Que foi meu amo hoje prezo  
Por matador delRei Xerxe.  
Eu, pelo amor que lhe devo,  
Dar-lhe a vida determino.

*Pip.* Tu! olhem quem!

*Paq.* Sim, eu mesmo  
Sou testemunha de vista,  
Que elle o não matou, e fei-o,  
Porque ao mesmo matador  
O ouvi

*Pip.* Eu lá não me metto  
Nessas couzas de defuntos,  
Porque tenho muito medo.  
O que quero he o meu fato?

*Paq.* Queres que diga o que entendo:  
Quando fahi de Palacio,  
Com medo senti-me lento,  
Dei o fato á lavadeira,  
Em vindo logo o remetto!

*Pip.* Dé-me logo logo o fato,  
Se não, grito pelo velho.

*Paq.* Calla a bocca, rapariga!

*Pip.* Venha o fato.

*Paq.* Bolaverunt.

*Pip.* Sabe agora o que lhe vale:  
Vir ElRei, nós nos veremos, *Vai-f.*

*Paq.* Cortada, se esperas fato;  
Jágora tem bom remedio,  
Passou-se para a taberna  
Alborcado a mantimento.

*Sabe ElRei Artaxerxe.*

*Artax.* Que cercado de pezates  
Dou principio ao meu governo:  
*Paq.* ElRei he homem como eu.

De que tenho medo: Eu chego.

Senhor, Vossa Magestade::

*Art.* Que queres: não tenhas medo.

*Paq.* Quem, eu? tomara: mas ai,  
já eu não sei o que quero. *á p.*

Senhor, eu quizera::

*Art.* Dize.

*Artabano ao bafidor.*

*Art.* A procurar ElRei venho;

Mas parece-me que falla

Com o criado de Ernesto!

Retirado desta porta

Quero ouvir. Oh quanto temo!

*Art.* Dize, f.lla, que pretendes!

*Paq.* Quero dizer-te em segredo

Quem matou ao Rei teu Pai:

Pois sei que Ernesto está prezo,

Coitado, innocentemente.

*Art.* Que dizes: eu te prometto,

Se lhe provas a innocencia,

Dar-te hum avultado premio

*Art.* Que medita este insolente: *á p.*

*Paq.* Pois eu estando bem perto

Esta madrugada, vi

Que a fallar, a Ernesto veio::

*Art.* Elle sabe o meu delicto,

Se o descobre tudo perco. *á p.*

*Paq.* Trazendo-lhe a fura espada

Banhada com sangue fresco::

*Art.* Quem? acaba já.

*Art.* Senhor:: *Sabe;*

*Art.* Artabano, cobra alento,

Tens innocente a teu filho.

*Art.* Provera o Ceu, tal não creio.

*Paq.* Olhe o carraasco dos Xerxes

Quando veio, leve-o o dem. *á p.*

*Art.* Pois quem disse que o delicto

Não era de Ernesto?

*Art.* Ao tempo

Em que entravas me dizia

Este homem, que sabe ao certo

Quem foi o impio matador

De meu Pai.

*Art.* E tu o crés:

Esse homem he nescio,

Quanto diz saõ liviandades;

Ou por malicia, ou por genio.

Além de que, he criado

Do mesmo traidor Ernesto

Por isso não deve ser

Attendido por suspeito,

Se elle mesmo já não fosse

Parte neste crime horrendo;

E que venha, por cautela

De fingido mensageiro,

Para livrar os seus crimes

Formar delictos alheios.

Antes sou de parecer,

Que deve tambem ser prezo,

Para provar legalmente;

A conjuração.

*Paq.* Requeiro,

Que eu tenho muito bom juizo,

E mai claro entendimento,

E que se me faço tolo,

Não he se não porque quero.

*Art.* O'lá á ordem de Artabano

Levem logo este homem prezo.

*Paq.* Esta he a mesma verdade;

Eu fallo::

*Art.* Vai-te já, nesceto.

*Paq.* Mas que me leve o diabo,

Fu fallo::

*Art.* Levem-o prezo

*Paq.* Quem vio prezaõ deste lote:

Levo muito boa cea,

Se calho, tenho cadea, (*prezo.*)

Se fallo terei garrote. *Levaõ-o os guardas*

*Art.* Toda esta industria he preciza

Para encobrir meus segredos. *á p.*

Senhar, todos os acazos

Deste prezente successo

Provaõ Ernesto delinquente;

Mas tambem estaõ dizendo

Que alguns conjurados mais

Com aleivoso concerto

Concorreriaõ traidores

A perturbar teu socego!

E como eu dezejo ver-te

Sentado no Throno Regio

Sem susto algum, que perturbe

A paz do teu grande Imperio,

Peço que me des licença

De ir fallar a Ernesto, e peço

Isto não já por piedade:

Ou por desvelo paterno

De ver em sua prezença

Desaffogor meus affectos,

He sim para averiguar

Em particular segredo

Quaes foraõ deste delicto

Os infames compañheiros,

*Art.*

Art. Quanto pedes, Artabano,  
Tudo livre te concedo:

Vai, falla a teu filho, falla,

Art. Não lhe des esse epitetho,  
Pois perdeo o ser meu filho,  
Sendo infiel ao teu Ceptro.

Art. Tens heroica fortaleza.

Ah Artabano, eu te invejo  
Esse valor. Eu, porque avô  
A Ernesto, forças não tenho  
Para over inóter, e tu,  
Sendo Pay, tens forte alento  
Para consentir que exponha  
Agarganta a huma cutello!

Art. Também, Senhor, também sinto

Ferir-me dentro no peito,  
Não sou Tigre, eu Leão bravo,  
Tenho o coração muy tenro:  
He muito duro esse golpe:  
Mas obro a him, porque entendo,  
Que, posto que eu seja Pay,  
O ser Vassallo he primeiro.

Art. Está meftra heroicidade  
Mais me confirma o conceito  
De que Ernesto he innocente.  
Se he teu filho, e se eu ti vejo  
Tão bruta fidelidade,  
Juntamente considero,

Que a nobreza d'essa causa  
Corresponde aquelle effeito.  
Vai, falla-lhe, e averigua  
Se alguma desculpa ao tremos  
Descobres, com que lhe evites  
Da pena o rigor fenfesto.

Art. Que desculpa pôde haver,  
Se o crime he tão manifesto?

Art. Bem vejo, mas elle affirma  
Que he innocente, e eu me lembro  
Que nunca foy mentirofo,  
E agora também o creyo.  
Talvez, talvez que lá tenha  
Algun reactivo, cu respeito,  
Que obrigue sua alma illustre  
A guardar tanto silencio;  
Porque he tal sua grandeza,  
Que antes chegará primeiro,  
Do que a macoler o brio,  
A perder de todo o alento.  
E pôde ser que a seu Pay  
Manifeste o alto segredo,

Que de mim, Rey, é Juiz;  
Resguarda dentro em seu peito.  
Falla-lhe, Artabano, e adverte,  
Que neste caso funfesto,  
Se teu filho não tem culpa  
Eu terey feliz ficego.

Vê se pôdes enganar-me,  
E se acaso vive Ernesto,  
Eu te perdorey o engano  
Pelo meu contentamento. *Vay-f.*

Art. Alimento, boa idéa,  
Sublimes são meus empenhos;  
Immensa difficultade  
Encontro nos meus projectos;  
Mas a ventura costuma  
Premiar atrevidamentos.

*Sabe Pipis.*

Pip. Senhor Capitão da guarda;  
Deos o guarde muitos annos,  
Eu mesmo de reza velha  
Aqui venho a procurá-lo.

Art. Tu? pois de mim q pertendes?

Pip. Disse-me agora hum criado,  
Que vossa infolencia tinha,  
Estes prezos a seu cargo:  
E com dous requerimentos  
Esta petição lhe trago.

Art. E que contém?

Pip. Eu o digo  
Muy brevemente. He o caso:  
Que á sua ordem dous prezos  
Forão hoje arrebatados,  
Hum he criado de fóra,  
Outro mesmo de Palacio;  
Hum Paquete, outro Ranketa,  
O Ranketa he hum coitado;  
Mas o Paquete mereçe  
Mesmo que o fizesse em quartos.  
Sims Senhor, porque he ladrão  
De todos quatro collados:  
Olhe, furtou-me huma saia,  
E huma capa, he muy velhaco!

Art. Então que queres concluir.

Pip. Quero que o velho sem d'anno  
Se solte por innocente:  
E que esse outro ladamaço  
Aperree muito bem  
Até me dar o meu feto.

Art. Vai-te. Como são diversos!  
Os teus dos nossos cuidados

*Pia.* Faça-me isto por sua vida,  
Faça, Senhor Artabano,  
Assim Jupiter o livre  
De trapalhas, e de enganos. *Vai-f.*

*Sube Nicandro.*

*Nic.* Senhor, a ti procurava.  
*Art.* Pois sabe, amigo Nicandro:  
Que tudo se vai dispondo  
Tão bem como desejamos.

*Nic.* Pois vê que preceitos dá:  
Que queres que eu faça?

*Art.* Quanto  
Te advertir atento observa  
Eu tenho do Soberano  
Licença para fallar  
A meu filho: vê, Nicandro,  
Que a tua, e minha ventura  
Está toda neste engano.  
Vou á prisão, liberdade  
Lhe dou, tu os teus Soldados  
Tem sempre promptos em armas,  
Para que logo em chegando  
O Acto da Acclamação,  
E novo Rei acclamado,  
A meu filho por Monarcha  
Dem uniformes albatos.

*Nic.* Tudo estará prevenido  
Aos acenos do teu mando.

*Art.* Nicandro, grandes victorias  
Pendem de grandes cuidados!

*Nic.* Nenhua ha de haver dezordem  
No que pertence a meu cargo.

*Art.* Segredo: e fidelidade.

*Nic.* Eu nunca lube ser falso  
A quem como tu me trata  
Cauzas de tanto recato.

*Art.* Tambem te obriga a cautela  
Ser na empreza interessado,  
Pois se ha de ser tua Espôsa  
Semira, neste contrato,  
Sendo Rei meu filho, sabes  
A ser do teu Rei cunhado.

*Nic.* Tudo o que tenho te devo;  
Pois tu assistente ao lado  
Do Rei sempre me elevaste  
A grandes honras, e cargos:  
E agora não satisfulto  
Destes favores tão amplos,  
Até me queres prender  
Naquelle apertado laço,

Em que unidas duas almas  
Passa a parentesco o agrado;  
Mas, Semira: :

*Art.* Bem te entendo;  
Esse temor he engano,  
Se Semira he minha filha;  
Ha de observar o que eu mando:  
Ella vem, toda a ventura  
Concorre a facilitar-nos.

*Sube Semira.*

*Art.* Semira, aqui tens o Espôso.

*Sem.* Que dizes! he errado  
Tratar-mos hoje de nupcias  
Em hum dia tão infauso,  
Que meu Irmão: :

*Art.* Tenho dito;  
A mão, que dá o Nicandro,  
Nos raios de teu Irmão  
Podrá muito ajudallo

*Sem.* He violento o sacrificio;  
Repara: :

*Art.* Tudo reparo,  
E o mesmo outra vez rezolvo.

*Sem.* Eu sou: :

*Art.* Filha de Artabano,  
E quem se preza de filha,  
Os preceitos observando,  
Do mando paternal nunca se offenda;  
Estê he o Espôso, assim o quero, e basta. *V.*

*Sem.* Pôe se haver maior violencia:  
Decreto mais deshumano!  
Observancias de preceitos  
Nas liberdades do estudo!  
Nicandro, eu sim gratifico  
Teus excessos, teus agrados:  
Porém das tuas fraquezas  
Quizera huma prova.

*Nic.* Quanto

Aprezecer o teu gosto  
Hei de prompto executallo.

*Sem.* Promettes: mas eu duvido,  
Que te atrevas

*Nic.* Tão escasso  
Julgas o meu grande amor,  
Que não se empenhe bizarro,  
Ou para emprezas valente,  
Ou para aqvens temerario?

*Sem.* Pois peg-te que desfaças  
Desto despozorio o laço,  
*Nic.* Eu: :

**Sem.** Sim, porque dessa fórte  
Evitas o desagrado  
De meu Pai, e a mim evitas  
Cuidadosos sobrefeitos.  
**Nic.** Eu prompto te obedecera:  
Mas, Semira, estás não bendo.  
**Sem.** Não por certo, antes te juro,  
Que félicemente te filha.  
**Nic.** Que importa, se eu não te creio.  
Queres, com teu gesto ingrato,  
Dar a meu grande prazer  
Agora esse sobrefeito.  
**Sem.** Se aceso isto exultares  
Melhores que me queres tanto;  
Que por cumprir com meus rogos  
Cortes pelos teus egredas.  
**Nic.** Isso he industria do teu genio.  
**Sem.** Não he senão dar-te campo,  
Para exercitar finezas  
De animo fúto, e bizarro.  
**Nic.** Este exercício dez, jo,  
Mas não sendo tão ingrato,  
Que oppondo-se á inclinação  
He do meu gosto contrario.  
**Sem.** Pois não tenho que esperar?  
**Nic.** O que pedes he escuzado  
**Sem.** Estes rogos:  
**Nic.** Não me mudado.  
**Sem.** Este pranto:  
**Nic.** He mui tyranno.  
**Sem.** Pois bem, obedecerei  
A meu Pai, ferás, Nicandro;  
Meu Esposo, com violencia,  
Tanto do meu dezogrado,  
Que, vertido em odio o amor,  
Em delusão o laço,  
Tendas o arrependimento  
Por fructo dos teus cuidados.  
**Nic.** Como eu te configa Esposa  
Não temo esses ameaças;  
Pois toda esta indignação  
Ablanda de amor o trato.  
Ah tyranna, és apredavel,  
Ou no rigor, ou no affago,  
Certo tratarás querendo,  
Se assim me não aggravando:  
**Sem.** Pois, Nicandro, em que rezolves?  
**Nic.** Pois, Semira, em que ficamos?  
**Sem.** Eu em odio  
**Nic.** E eu em amor.  
**Ambo.** Vencéremos porfiando. *Vai-se.*

Villa de carcere. *Sahe Panheta, e Paquete*  
*cada hum por sua parte sem se verem.*  
**Ran.** Ha mais fera sem-rarzo!  
Pois que vai, Senhor Panheta;  
Voffé por modo de peta  
Mettido no cagarão!  
**Paq.** Levei inuito boa prisa!  
Do arbitrio: mas queto me mette  
Ser de fegredos Paquete,  
Para agora dar á costa!  
**Ran.** Estava eu feito porteiro,  
Enxotando os cães da porta:  
Pois que diabo de avó torta  
Me mettes a carcereiro?  
**Paq.** Paquete, he bem feito, tome,  
Estava eu feito mulher;  
Pois porque me fui rasteer  
Segunda vez a fer home?  
**Ran.** Por morrer hum Rei, he muito.  
Querem do pobre dar cabo:  
Morreo! que o leve o diabo!  
Que tenho eu cá c'o defunto?  
**Paq.** Este Principe he cavallo,  
Mette-me no cagarão,  
Nem que com minha prizaõ  
Pudesse recusitallo.  
**Ran.** Que mais soffreres tu,  
Se lhe tiveras mettido,  
Ou hum fuço pelo ouvido,  
Ou hum espeto pelo cú?  
**Paq.** Que castigo de mais lote  
Tivera eu, ou menos grave,  
Se pendente de huma trave  
O affogasse de garrote?  
**Ran.** Mas tan bem cá está aquelle!  
*Olha hum para outro.*  
**Paq.** Tambem cá estás, biz uro!  
**Ran.** Chegaraõ te a soupa ao couro?  
**Paq.** Quereu-te cortar a pelle!  
Sabem que te tento afco,  
E vento de homens á mingua;  
Para te espremer a lingua,  
Certo se fara carraço.  
**Ran.** Não terás tal exercício,  
Pois com de coza feu  
Mais habitudo estu  
Para pertender o officio.  
**Paq.** Nestas mãos me has de acabar  
Velho, mafino, maldito,  
**Ran.** Antes eu pelo gafnito

Nas minhas te hei de affogar.  
**Paq.** Hei de ser, alma damnada,  
 Teu perseguidor eterno,  
**Ran.** A cavallo em ti no inferno  
 Hei de dar a minha entrada.  
**Paq.** Mas do passado não ralho,  
 De divertir-nos tratamos,  
 Se trazes cartas joguemos.  
**Ran.** Eu aqui tenho hum baralho.  
**Paq.** Victor quem não he coherio,  
 Eu dou cartas, tu és maõ. *se. a. se.*  
**Ran.** Pois vamos, victor feições.  
**Paq.** Trapaça não, victor sério;  
 Trazes tentos?  
**Ran.** Isso he petã!  
 Venho muy bem petrexado.  
**Paq.** Nem hum burro carregado  
 Te desbanca, meu Ranheta  
**Pega Paquete no baralho, e Ranheta lão tira da maõ.**  
**Ran.** A vossê, Senhor aquelle,  
 Não lhe toca esse baralho.  
**Paq.** Não dtz mal o espantalho,  
 Porque o baralho he só dulle  
*Dá as cartas Ranheta.*  
**Ran.** Jogue pois; vaza fará;  
 Porém ganhar-lhe pertendo.  
**Paq.** Pelas cartas que eu vou vendo  
 Só dous murros ganhará,  
 Eu jogo o meu az de páos,  
**Ran.** Empatã co' meu az de outos.  
**Paq.** Truco.  
**Ran.** Não creya em agouras.  
**Paq.** Dá para cá tres calhãos,  
**Ran.** Tem tres?  
**Paq.** E vossê tem deus.  
**Ran.** Eu doys!  
**Paq.** E porque, não presta!  
**Ran.** Aonde os tenho!  
**Paq.** Na testa,  
 Da mesma fórma que os bois.  
 Eu agora he que dou cartas.  
**Ran.** Dizes bem, eu as levanto;  
 Assim Deos te faça santo  
 Dá-mas boast  
**Paq.** Que? eu dar-tas?  
 Joga huma.  
**Ran.** Joga hum tres.  
**Paq.** Truco.  
**Ran.** A láis, não me encove!

**Paq.** Nem'a mim, que ponho a nove.  
 Pois ganhei.  
**Ran.** O que?  
**Paq.** Não crês?  
**Ran.** Eu he que tenho ganhado!  
**Paq.** Dous murros, fou trapasseiro.  
**Ran.** Tenha conta no primeiro.  
**Paq.** Lève este de contado. *Dá-lhe murros.*  
*Aqui jogarão, fazendo os bichanceros, q' lhes parecciam, e finalmente acabará em briga, e no fim della Jabitá Artobano.*  
**Art.** Que estrondo he este, ou loucura?  
 Aparai-vos.  
**Paq.** Minha pelle!  
 Eu não fui, Senhor, foi elle.  
**Ran.** Foi aquella creatura.  
**Art.** Basta: quem veio cauzar  
 Esta forte dissentão?  
**Paq.** Eu o direi.  
**Ran.** Elle não.  
**Ambos.** Tu não te querês calar?  
**Paq.** Vieraõ este homem trazer::  
**Ran.** Trauxeraõ este companheiro::  
**Paq.** Eu hei de dizer primeiro.  
**Ran.** Eu primeiro hei de dizer.  
**Paq.** Vai, e assim que se cá vê::  
**Ran.** Vai, e assim que se vio cá::  
**Paq.** Vossê não se calará!  
**Ran.** Não se calará vossê!  
**Paq.** Fui eu cá co' meu trabalho::  
**Ran.** Todo o trabalho foi meu.  
**Paq.** Eu hei de fallar.  
**Ran.** Mais eu.  
**Paq.** Vai, e puxou do baralho::  
**Ran.** Deixe-me fallar a mim.  
**Paq.** Eu só he que hei de fallar.  
**Ran.** Vossê não se quer calar?  
**Paq.** Calle-se elle; vilão ruim.  
**Art.** Callem-se ambos juntamente.  
**Paq.** Olhe, está fazendo caras.  
**Art.** Basta já.  
**Paq.** Tu não reparas,  
 Que me está riogindo o dente?  
**Art.** Similhante atrevimento  
 Só se ementa desta sorte. *dá-lhe.*  
**Paq.** Senhor, dá-me boa morte  
**Ran.** Ai, que me quebrou o assento!  
**Art.** Loucos sois, e como a taes  
 Perdoo tanta inselencia.  
**Paq.** Bem haja a minha demencia.

Pela qual me perdosis;  
 Póde haver maior portento:  
 Ha mais notavel ventura;  
 Que chague a minha loucura  
 A ter tal merecimento!

Ran. Já que em ser atoleimado  
 Tenho carta de seguro,  
 Eu por mim protesto, e juro  
 Que sou louco rematado.

Art. Eu tambem assim o entendo.  
 Por illo te dou foltura. *V. Ran.*

Pag. Cá tambem a creatura,  
 Póde-se ir escafedendo?

Art. Tudo são disposições  
 Precizas, e tu agora: *á p.*

Pag. Eu cá para me ir embora  
 Dispensô nos cachações.

Art. Contigo agora convém  
 Falar em certo recado,

Pag. Olhe, o passado passado,  
 Não nos falle em quaxa Deos tem.

Art. Como foi aquella epada,  
 Que a ElRei ha pouco affirmaste  
 Viste dar, e que observaste  
 Estava em sangue banhada:

Pag. He que o Rei he hum páteta,  
 E em que estava reparando:  
 Estava d'elle zombando,  
 Quiz-lhe metter essa peta.

Art. Não temas, dize a verdade,  
 Se não, hei de te matar,

Pag. A mim! salva tal lugar.  
 Eu digo: olhe, estava:  
 Escondi-me: e foi: então:  
 Ai! *Assustado.*

Art. Que tens?

Pag. Foi illuzão,  
 Parecia que me dava,  
 Foi, entrou sua infolencia,  
 Assim todo aflammado.  
 Disse que tinha matado::

Art. Basta. Em fim, com evidencia  
 Sabes que eu matei a ElRei!

Pag. Sim Senhor, e foi bem feito  
 Matallo mesmo no leito:  
 Porque era hum homem sem lei.  
 Eu se acazo o revelava  
 Era por livrar a vida  
 De meu amo. Art. Essa lida  
 A mim sómente tocava.  
 Já que o segredo soubeſta

Por tua impia maldade?  
 Dize-me, falla verdade:  
 A que pessoa o diffeſta?

Pag. Assim Deos me dé boa forte  
 Como niſto não fallei.

Art. Se o contrario diſto ſei  
 Espera ter certa a morte,  
 Eu te ponho em liberdade,  
 Sêhe, vai, não tenhas medo,  
 Censura ſil ſegredo  
 E lá no fim da Cidade,  
 Junto á porta, bem pouco espera  
 Por ElRei: e ſe o contrario  
 Intentares temerario,  
 Ou ſe eu por ſonhos ſouber  
 Que me és falſo, quanto paſſo::

Pag. Basta, ſim, não digas mais,  
 Que por predicados taes  
 Me contaria o peſcoço.

Art. Vai.

Pag. Já m rua me caſco.  
 Guidei que era deſhumano:  
 Mas elle amigo Artabano  
 Para mim he bom carraſco. *á p. Vai-ſe*

Art. Agora vamos de todo  
 A concluir meus crepnhos.  
 Demos liberdade ao ſiſho,  
 Já que tó por meu reſpeito  
 Padece com brio heroico  
 Na obſervancia do ſegredo  
 As affrontas de culpado  
 Entre as aflicções de prezo.  
 O lá, guardas deſta torre,  
 Aqui tendes hum decreto,  
 Pelo qual ElRei ordena  
 Me deixeis falar a Erneſto  
 Só por jó. Os Ceos proſperem  
 Meus arrogantes intentos,  
 E dem valz a meu braço,  
 Para banhar todo o Imperio  
 Dos Perſas com as correntes  
 Do odioſo ſangue Régio. *á p.*  
*Sahe Erneſto.*

Ern. Meu Pai sómente commigo!

Art. Meu amado ſiſho, he tempo  
 De ſalvar a tua vida,  
 Prenda de eſtimavel preço.

Ern. Pois já meu Rei Artaxerxe  
 Tem formado em ſi conceito  
 Da innocencia do meu braço,

Da candura do meu genio:  
*Art.* Não; porém quero que fujas  
 Por hum camicho encuberto:  
 Segue-me, que a liberdade  
 Que tiraí dar-te prometto.  
*Ern.* Meu Pai, fugir da prisão:  
 Enormes procedimentos!  
 Fugir era dar do crime  
 Os indícios manifesta:  
 Porque se fujo ao castigo  
 He porque o delicto he certo.  
*Art.* Deixa, amado filh, agora  
 De ponderar toos recatos:  
 Consegues a liberdade,  
 Illudes ao furor Regio,  
 Dou-te a vida, que perdias,  
 E talvez te dé hum Reino.  
*Ern.* Que dizes! hum Reino!  
*Art.* Vambes.  
*Ern.* Explica o teu pensamento.  
*Art.* Bem sabes que o Real sangue,  
 Que da Persia occupa o Imperio,  
 He visto pelos Vassallos  
 Com grande aborrecimento,  
 Tu, porém, és tão querido  
 Deste Povo com extremo,  
 Que basta mostrar-te livre  
 As Esquadras dos Guersseiros,  
 Para que logo te aclamein  
 Por seu Rey, de mais, que eu tenho  
 Os poderosos da Corte  
 Unidos a meus intentos.  
 Nicandro he do meu partido,  
 Segue fiel os empennos.  
 Em fim, com tua presença  
 Versás logo em hum momento  
 Descer do Solio Artaxerxe,  
 E subir ao Throno Erncsto.  
*Ern.* Basta, não profigas, Pai,  
 Oh Dzes! que até tenho pejo  
 De chamar Pai a quem luta  
 Em tão bruxos pensamentos:  
 E achaves que era capaz  
 Fiste, meu heroico genio  
 De consentir rebeldias  
 Contra o segredo respeito  
 Do meu Rei: oh! de o pensar  
 Sómente me affusto, e tremo!  
 Antes morrer innocente,  
 Que reinár traidor, tão feio

Crime tão imigiando  
 He inferno, he vil, e horrendo.  
*Art.* A innocencia está perdida,  
 Se por traidor estás pzeo.  
*Ern.* Que importa, se o crime imposto  
 He falso, e eu fei verdadeiro.  
*Art.* Toda a honra, ou toda a injuria  
 Nelles infelices tempos  
 Não consiste nas verdades,  
 Só consiste nos conceitos.  
*Ern.* Enganas-te, que a virtude,  
 Pello padeça desprezo,  
 Em si mesma dentro n'alma  
 He mercamento, e premio.  
 Discorra o mundo conforme  
 Aos enganos do teu erro,  
 Que eu, seguro na innocencia,  
 A mim proprio me ennobreço.  
*Art.* Não vés que perdes a vida:  
*Ern.* A honra tem maior preço.  
*Art.* Se não vives, de que serve!  
*Ern.* Perdão, que hei de dizello:  
 Sabes de que serve a morte?  
 De encobrir teus delactos.  
*Art.* Em fim, eu para salvar-te  
 Elcuo ter arguementos:  
 Segue-me, eu te mando, e basta.  
*Ern.* Porém eu não te obedeço.  
*Art.* Sou teu pai:  
*Ern.* Não para a infamia.  
*Art.* Deix-te o fer:  
*Ern.* Mas não convenio.  
 Que, por me dares a vida,  
 Me tires a honra.  
*Art.* Ao menos.  
 Vê que és meu filho, e que deves  
 Obedecer  
*Ern.* Se o conheço  
 Mas seja esta a vez primeira,  
 Que não cumpra o teu preccito:  
*Art.* Não me segues voluntario:  
 Pois his-tre seque violento.  
*Ern.* Deixa-me, ó pai, não me obrigues  
 A que com menos respeito  
 Me esqueças de que és meu pai,  
 Fois se profigues no intento  
 Fazei:  
*Art.* Ameças-me, ingrato!  
 Que farás?  
*Ern.* Não fei dizello:

Porém affirmo-te, e juro,  
Que hei de fazer quanto devo  
Só por não acompanhar te.

*Art.* Ora bem está, veremos  
Qual dos dous há de vencer.  
Seguir-me, vamos. *Luta com elle.*

*Err.* Não quero.  
O' lá, guardas! ó lá, guardas!

*Art.* Não dez vezes, cala, andamos.

*Err.* O' lá, guardas, ó lá, vinde. *Schem*  
Levai-me lá para dentro, *os guardas.*  
Dai-me outra vez as cadéas.

A Deos, Pai. *Vai-se com os guardas.*  
*Art.* A Deos, Ernesto.

Oh quanto melhor differa  
A Deos, ingrato, a Deos nascido,  
Quando neste delirio  
De hum pondener louco, e cego:  
Artíficas a propria vida,  
E ultrajas os meus preceitos. *Vai-se.*

*Throno do Rei, e d' direita huma meza para  
escrever, e assento, e mais outro para*

*Eritrea, Sabe Artaxerxe.*

*Art.* Aqui estou ó Vassallos meus amados,  
Prompto para soffrer do Imperio a lida,  
Throno, o Cetro, estaõ de horror cer-  
cadas.

A Regia Coroa de afflicções tecida.  
Entro no Reino cheio de cuidados,  
Em cada passo move hezzer a vida:  
Oh que no coração prudente, e sereno,  
Mais do q' Dignidade he pezo o Imperio!  
Temo lançar as mãos ao Regio mando,  
Porq' entro em mui funesta conjuctura;  
Se os perigos ao Sello estaõ cercando,  
De que me serve a Regio investidura:  
Vós, Vassallos, que ainda conservando  
Estais de meu Pai morto a fé mais pura,  
Pelo amor que devestes a Xerxe morto  
Dai-me nas afflicções fiel conforto.

*Sabe Nicantro.*

*Nic.* Meu Rei, para chegars pedem licença  
Eritrea, e Semira á Real presença.

*Art.* Entrem, que eu hevi contêço  
A causa, que as obriga a tanto excesso.

*Sabe Eritrea, e Semira.*

*Sem.* Rei Artaxerxe, piedade.

*Erit.* Meu Rei, meu Irmão, vingança.

*Sem.* Peço-vos, Senhor, a vida  
De hum Vassallo, que vos ama

*Erit.* Eu peço-vos, Rei, a morte  
De hum traidor, que vos agrava!  
*Sem.* Ser traidor não consta ao certo.  
*Erit.* Antes a traição he clara.  
*Sem.* Ernesto não tem deliço.  
*Erit.* De Ernesto a culpa he provada.  
*Sem.* Toda a razão o defende.  
*Erit.* Podis a conjectura o infama.  
*Sem.* Rei Artaxerxe, piedade.  
*Erit.* Meu Rei, meu Irmão, vingança.

O sangue de nosso Pai,  
Que ella não traidora espalha,  
Quanta a compaixão comida,  
Tanto por castigo chima.

*Sem.* E o sangue, que em tuas veias  
Conservou de Ernesto a espada,  
Pede da tua grandez  
Premio igual desta façanha.

*Erit.* Oh, não percas da memoria: :  
*Sem.* Não te fuja da lembrança: :

*Erit.* Que o rigor sustento os Reinos: :  
*Sem.* Que a piedade o Throno exalta: :

*Erit.* Movaõ-te os ternos suspiros  
De huma filha em magoa tanta  
*Sem.* Applaque-te o termo pranto  
De huma irmã tão desgraçada.

*Rei Artaxerxe, piedade. *ajustelhaõ chor.**  
*Erit.* Meu Rei, meu Irmão, vingança.

*Art.* Levantai-vos, levantai-vos;  
Supplicas tão encontradas  
Firmaõ dentro no meu peito-  
Mei defuzda botalha.

Tu choras, bella Semira,  
Por ver se o rigor me applicas,  
Tu das vozes, Eritrea,  
Por ver se ao rigor me arrastas:  
Tu pelo affecto de irmã,  
Pela compaixão trabalhas:  
Tu; com laudades de filha:  
Te inclinas a ser tyranna.

Ah Semira, ah Eritrea,  
Sendo vossas penas tantas,  
Eu padeco dentro em mim  
Quanto padecéis vós ambas:  
Oh, vem tu fiel amigo, *Para Artahano*  
Só em ti tendo esperança *(que sabe.*  
De que possas dar socorro  
A tão horrorosa magoa  
Dize-me, fallalle a Ernesto:  
Tem defuzla, que o ampara!

Tem desculpa: está innocente?  
 Que respondes: dize, falla.  
*Art.* He tua, e minha piedade  
 Para com elle escuzada:  
 He réo, desculpa não tens.  
*Art.* E pertende essa alma ingrata  
 Obrigar-me a condemnallo?  
*Sen.* Condenallo: oh! heuce infamia!  
 Condemnar com tanta effronia  
 A quem com valente espada  
 Foi lusto dos inimigos,  
 Defensor da amada Patria;  
 Condenar aquelle mesmo,  
 Que entre os horrores das lanças  
 Defendeu a tua vida  
 Com valor das tuas armas:  
 Condenar o teu amigo?  
 Repara, ó Rei: que esta mancha,  
 Se he acção indigna de homem  
 Quanto o será de hum Monarcha!  
*Art.* Semira, tu impiamente  
 Tyranno, e cruel me chamas:  
 Não condenarei a Ernesto:  
 Mas tu verás: ó lá, guardas  
 A' minha presença logo  
 O prezo Ernesto se traga.  
*Erit.* Queres dar-lhe liberdade:  
*Art.* Não, Eritrea, tão alta  
 Piedade não medito.  
*Sen.* Pois queres sua garganta  
 Destinar para o castelo:  
*Art.* Nem isso tampouco.  
*Ambos.* Falla, que intentas fazer?  
*Art.* Já o vera vossa esperança!  
*Sobe o Rei ao Throno, e senta-se Eritrea.*  
*Sahê Ernesto prezo: -*  
*Err.* Ah fortuna cruel, ah fado impio!  
 Contra mim quão depressa te voltaste:  
 A honra, a fama, meu valor, e brio  
 Tudo em falso conceito me roubaste:  
 Não sinto, não, teu louco desvario  
 Só na parte em q' a honra me manchaste:  
 Mas, ainda que padeça atroz violencia,  
 Para consolação tenho a innocencia.  
 Meu Rei: :  
*Art.* Teu Rei me chamas, e amigo,  
 Pois sou, e o quero ser em tal perigo,  
 Com tanto q' tu me mostres tens escuzas  
 Do infame crime, que traidor se accuzas,  
*Err.* Meu Rei: se teu amor não basta a crer-

me,

Não tenho com quem possa defender-me,  
*Art.* Pois visto appareceres tão culpado,  
 Precizas ser julgado:  
 Eu teu amigo sou, neste conceito  
 Em te julgar terei Juiz suspeito.  
*Artabano:*  
*Art.* Senhor.  
*Art.* Toma este assento,  
 Ocupa esta cadeira: a dignidade  
 de ser Juiz te dou, e a authoridade:  
 Na tua mão consiste, desta sorte,  
 O dar ao filho a vida, ou dar-lhe a morte.  
 O delicto examina,  
 E ou condena, ou livra da ruina.  
 Se azazo réo o achares,  
 E á morte o condenares,  
 Tu és seu homicida,  
 Que eu não condeno a que devo a vida.  
 Algum de vós oppoem-se á minha idéa:  
*Erit.* Eu, porque noto esta eleição de fea  
 Para hum Principe justo,  
 Que na morte de hu Pai té dor, e susto,  
 Artabano Juiz do proprio filho:  
 Muito me maravilha  
 Esperas julgrá tão rectamente,  
 Que, achando-o delinquente,  
 A quem deo ter garando  
 Agarras, tire a vida condemnado.  
*Art.* Não duvides, Senhora,  
 Da minha lealdade, porque agora  
 Deves lançar a conta,  
 Que Ernesto fez ao Rei, e á mim affrôta:  
 E hei de por dous motivos condemnallo,  
 Hum porque sou seu Pai, outro Vassallo.  
*Art.* Artabano por mim tem respondido.  
*Err.* Eu, Senhor tambem devo ser ouvido,  
 Peço-te não confiras o exercicio  
 De julgar-me, a meu Pai, pois nelle offi-  
 Ou me absolve, ou condene. (cio,  
 Será forçoso pene,  
 Manchado nas idades, o seu brio.  
 Dirão, se me matar, que foi impio,  
 Se a vida me livrar, que he pouco recto,  
 E não quer meu affecto,  
 Que meu Pai sinta o clamor  
 De ser tido por froxo, ou por tyranno;  
*Art.* Sempre louvo esta illustre heroicidade:  
 Mas julgando teu Pai com equidade  
 A fama não offende, he sempre honrado:  
 Se és réo, mata o culpado:

Se

Se não és delinquente  
 Absolve hum innocente,  
 F ou te firme a sentença o amor, ou susto.  
 Não he frouxo, ou tyrão, he recto, e justo.

**Art.** Artaxerxe por mim tem respondido.

**Err.** Ah pai, q horror concebo só de ver-te  
 Nesses legar, de pois de conhecer-te!  
 Qual eu sou, qual tu és bem ponderando.  
 Quasi effeu duvidando

Que accitasses esta horrivel incumbência  
 De seres meu Juiz; e tens paciência  
 De ver teu filho a tanto mal sujeito,  
 Sem que se arranque o coração do peito!

**Art.** O que entre mim padeco

Só eu bem o conheço:  
 Mas tu és o culpado  
 Do meu temer, e mais do teu cuidado;  
 Porque se aos meus conselhos attendias  
 Não seria eu Juiz, réo não serias.

*Em segredo para o filho.*

**Art.** Triste pai, quanto custa resolver-se!

**Erit.** Aqui não vem dizer-se  
 Lá os vossos segredos, e contratos;  
 Sobre traiçoens não quero desfac tos:  
 Seja a innocencia, ou crime manifesto,  
 E ou se condene, ou se perdoe a Ernesto.

**Err.** Tanto rigor daquella fera ingrata,  
 Que impia, e formosa duas vezes mata!

**Art.** Pois visto ser preciso  
 Entrarmos em Juizo,  
 O réo, que está presente,  
 Responda ao que pergunto legalmente.  
 Prova-se, Ernesto, q ao teu Rei mataste,  
 E a prova, que a defesa não achaste,  
 He o amor da Príncipez mererario,  
 Cõtra Xerxe hũ desprezo extraordinario.

**Err.** O sangue fresco, a espada,  
 O susto, a madrugada,  
 A fugida, o lugar, tudo evidente,  
 Mas verdade não he, sou innocente.

**Art.** Prova a tua innocencia,  
 E abranda de Fritrea a impaciencia.

**Err.** Oh se me queres no furor constante  
 Não me renoves dor tão penetrante;  
 Barbaro Pai, esse querido nome::

**Art.** Suspende, não se affome  
 Tua louca cegueira resoluta,  
 Repara com quem fallas, quem tẽ escuta.

**Err.** Mas pai he duro effeito.

**Art.** Affectes não saiais fóra do peito. á p.

**Err.** Que me accuze a Príncipez!

**Erit.** Alma, não mestres no exterior fraqueza. á p.

**Sem.** Antes que a occasião de todo vença,  
 Ou supplica perdão, ou dá defenza.

**Art.** Ernesto, para a tua liberdade  
 Offereço toda a minha piedade. (nho;

**Err.** Meu Rei, he muito heroico o teu em pe-  
 Mas eu nem culpa, nem defenza tenho,  
 E se esta accão mil vezes for exposta:  
 Mil vezes só darei esta resposta.

**Art.** Oh grãde amor de filhotalma cuidado!

**Erit.** Elle sempre he culpado,

Ou modesto se cale,

Ou em defenza falle.

Pois que falta, Senhor, para julgallo:  
 Este he aquelle Juiz, Poi, e Vassallo.

**Err.** E já me queres, Eritrea, morto?

**Erit.** Ah coração, conforto. á p.

**Art.** Teu crime he muito claro;

Mas por ver se mercee algum amparo

A's perguntas responde.

Já não sei onde o susto o amor esconde  
 de á p.

Quem indiciãs dá do medo!

**Err.** O segredo.

**Art.** Quem te accuzo da homicida?

**Err.** A fugida.

**Art.** Quem della a accão confirmada?

**Err.** A espada.

**Art.** Pois não tens que dizer nada,

Porque com prova diffusa

Réo desta morte te accuzo

Segredo, fugida, e espada.

**Err.** Mercee quem tem amor,

**Art.** Favor.

**Err.** Quem supporta com paciencia;

**Art.** Clemencia.

**Err.** Quem se cala por lealdade,

**Art.** Piedade

**Err.** Pois applica essa crueldade;

Porque eu, inda que não fallo;

Mereço só porque calo

Faver, clemencia, e piedade.

**Art.** Quem faz q a innocencia vença!

**Err.** A defenza.

**Art.** Quem honra, e fama renova!

**Err.** A prova.

**Art.** Quem desfaz de todo a culpa!

**Err.** A desculpa.

*Artx.* Isso a ti mesmo te culpa,  
Tu és causa do teu mal,  
Pois não dás em crime tal  
Defensa, prova, e desculpa.  
*Art.* Em fim, não te defendes,  
Nem perdas alcançar do Rei pertendes,  
Eu farei o que devo, acção notória,  
Que ficará no Templo da memoria.  
Visto ser o delicto manifesto  
Eu condeno a meu filho. Morra Ernesto.  
*subserve.*

*Erit.* Oh Deos!

*Artx.* Para, suspende, ó Artabano,  
O decreto fatal, e deshumano.

*Art.* Já o tenho assinado,  
Cumprí o que julguei ser obrigado.  
*Levanta-se, e dá o papel a Artaxerxe.*

*Artx.* Barbaro proceder!

*Sem.* Ah Pai tyranno!

*Erit.* A' vista de hum decreto deshumano  
A dor não cabe já dentro no peito. *chora.*

*Ern.* Tu choras, Eritrea, e com effeito  
Sentes de ver-me á dura morte exposto!

*Erit.* Chorar não he piedade, será gofsto.

*Art.* Já de Juiz sevéco  
A obrigação cumprí: agora quero  
Concedas ao meu togo  
Do Paternal amor hum desafogo  
Perdoa, filho meu, esta sentença,  
Fui Juiz, não fui Pai, a dor intenta  
Tambem me afflige: mas não tenhas me-  
Porque verás mui cedo (do:  
Todo esse sentimento  
Mudar-se em magestoso luzimento,  
*A' parte para o filho.*

*Ern.* Não posso, não, ó Pai, ter tolerancia,  
Já me falta a constancia,  
Exposto ao mundo inteiro na indecencia  
De réo, de delinquente na appatencia,  
É réo de huma traição, delicto enorme:  
Abominavel, vil, e assim expor-me  
Com tão impia memoria  
A' infame narração da eterna historia:  
Cortadas as esperanças, vida extincta  
Na flor da idade: e ha peito que consinta  
Ver-me de toda a Persia aborrecido:  
Do Rei, amigo meu, desstituido!  
É o que mais sinto, e choro,

Desprezar-me aquélla alma a que adoro:  
E saber que meu Pai (oh impiedade!)  
He causa desta minha adversidade,  
Dos infortunios meus!

Barbaro Pai!: ah que me perco!: a Deos.  
Ah temerario Ernesto!

Onde vás com furoe tão manifesto!  
*Vai air se com furor, e se suspeite, e ajoelha.*  
Aqui estou a teus pés, meza Pai, perdoa,  
Foi impeto da dor, que me magoa,  
Justa sentença, queos he réo que morras!  
Corte-se esta cabeça, o sangue cotra,  
Fantes do q' queixar-me em tanta pena  
Beijarei esta mão, que me condena.

*Art.* Basta, levanta, ó filho, tens motivo  
De queixume excessivo,  
Sei as tuas razoes de impecientar-te:  
Mas: oh Deos! este abraço quero dar-te:áp.

*Ern.* Por este ultimo abraço,  
Como a pai huma supplica te faço,  
Que appliques a Princeza,  
E que defendas a Real grandeza  
Nestas duas acçoens terei conforto,  
Inda depois de morto,  
Pois no culto de hum Rei tão adorado,  
Se a morrer como vil vou condenado,  
Da Princeza querida  
Me restitues honra e me das vida. *Vai-f.*

*Sem.* Oh Rei impio, e tyranno!

*Erit.* Oh cruel Artabano!

*Artx.* Não te queixes de mim, bella Semira,  
Contra teu Pai, q' o condenou, conspira.

*Sem.* Tu a causa lhe deste,

Pois Juiz o fizeste.

*Art.* E tu, bella Princeza,  
Porque usas contra mim tanta fereza:  
Não o pedias tu á morte exposto:  
Pois condenei-o, e nisso te fiz gofsto.

*Erit.* Eu por filha de Xerxe sim pedia  
Seu castigo, e inda agora o pedia:  
Mas em ti, que és seu pai, esta impiedade  
He fereza, he rigor, e atrocidade.

*Sem.* Foste barbaro, oh Rei foste tyranno.

*Erit.* Foste Tigre, e Leão, féro Artabano.

*Art.* Eu Juiz justo.

*Todes.* Mas, oh pena, oh tormento, oh dor,  
oh susto: *V.õ.j.*

## ACTO TERCEIRO.

Mutaçõ de carcere

*Sabe Ernesto.*  
*Err.* **V**em a tirar-me a vida,  
 Não tardes, dura morte,  
 Corte, corte  
 O teu ferro homicida

Com seu golpe violento  
 Vida infusta, alma triste, escuro alento.  
 Teraõ os meus fados  
 Em destruir-me empenho,  
 Tenho, tenho

N'alma tanta cuidados  
 Quanto no centro encerra  
 Luz o Sol, agoa o mar, arda a terra.  
 Oh Pai, para que usasse  
 Accoens taõ vis, e ingratas!

Matas, matas  
 O filho, que geraste,  
 E lhe roubas impio  
 Fama heroica, honra grande, illustre brio.

Nesta terrivel pena  
 Quem diz sou delinquente  
 Mente, mente:

Traiçãõ não me condena,  
 Só se for de hum afflicto  
 Culpa o brio, a honra crime, o amor deli-  
 Mas que imprta a innocencia, (cto,  
 Se me accusou a espada  
 Nada, nada

Mustra ser na evidencia,  
 Sem culpar Artabano, (no  
 Sonho a culpa, erro o crime, a espada enga-  
 Já vida não espero,  
 Nem o perdaõ imploro,  
 Choro, choro,

Porque de hum golpe fero  
 Me espera (oh dura sorte!)  
 Pena atroz, triste infamia, dura morte.

*Sabe Artaxerxe.**Artax. Ernesto!*

*Err.* Oh Deoses! que vejo!  
 Para que, Senhor, entraste  
 Neste carcere horrroso!  
 Esta habitaçãõ infame  
 He pensãõ dos delinquentes,  
 Indecencia ás Magestades,

*Artax.* Não como Rey, como amigo  
 Venho a dar-te liberdade.

*Err.* A mim!

*Artax.* Sim, por esta escada,  
 Que junto a Palacio sabe,  
 Vay-te Ernesto, apressa os passos,  
 E para-outro Reyno parte;  
 Vay, e lembrando-te sempre  
 Da minha heroica amizade,  
 Vire com feliz descaço  
 Por dilatadas idades.

*Err.* Meu Rey, se réo me acreditas,  
 Porque vens alibertar-me?  
 E se innocente me julgas,  
 Porque hey de fugir cobarde!

*Artax.* Se és innocente, ou se és réo  
 Não decido agora, vay-te.  
 Se és réo, eu te dou a vida,  
 Com que tu já me amparaste:  
 Se és innocente, só tenho  
 Este medo de livrar-te.

*Err.* Senhor, que eu morra consente!  
 Permite, Senhor que acabe,  
 Pois importa á tua honra  
 Minha vida castigar-se.  
 He teu credito eu morrer;  
 E quero, por mais vantagem,  
 Se dey vida com perigos!  
 Dar-te honra com meua ultrajes.

*Artax.* Amado Ernesto, á minha honra  
 Basta só o divulgar-se,  
 Que eu por te evitar a infamia  
 Mandey occulto matar-te.

*Err.* Mas sabendo-se algum dia!

A tua benignidade,  
 Póde pelo meu perdaõ!  
 Tua opiniaõ manchar-se.

*Artax.* Basta, Ernesto, isto te peço:  
 Mas se não basta a obrigar-te  
 O rogo de amigo, mando  
 Como Rei, silencio, e vai-te.

*Err.* Obedecer he forçoso  
 Ao meu Rei, porque escuzar-me!  
 Se atéqui era nobreza

Agora será desaire.

Vou, Senhor, porém attende;

Antes que de ti me aparte,

Por ultimo beneficio

A teus pés deixa prostrar-me;

Dá-me a beijar tua mão,

Pois quero que os labios gravem

Nesta estampa Sacra, e Regia,

Em todo o tempo duravel,

Hum perpétuo testemunho

Da minha heroica lealdade. *beija a mão V.*

Vista de Palacio *Sahe Paquete.*

*Paq.* He bastante correala!

Lá na porta da Cidade;

Me ordenou esse ata abanos;

Que por Ernesto esperasse;

Eu espero, elle sem vir;

Enganar-me-hia o salvageme!

Inda assim, vou-me chegando

Alli para aquella parte,

A ver se ouço discorrer

Em causas de novidade.

Estou chegado a Palacio,

Quero na esquina encostar-me;

Mas que bule bule he aquelle,

Que lá pela porta fahê!

Pobre de mim, que he Pipia.

*Sahe Pipia.*

*Pip.* Escuze aqui de encostar-se

Ninguem junto do meu quarto;

Pois não quero que algum passe,

E Que imagine que eu dou

Audiencia a maganage.

*Paq.* Com q' junto dos seus quartos

Não pôde hum homem encostar-se!

*Pip.* Eu conheço-o pela voz:

He Paquete, olhe o tratante.

Inda és vivo? a que venis cá?

Vens a trazer-me os trastes:

*Paq.* Trastes pois sua mercê

Quer commigo encorduar-se?

*Pip.* Fallo na capa, e na saya.

*Paq.* Antes em tal não fallasses.

*Pip.* Quer que o obrigue por justiça?

*Paq.* Cachorra, para obrigar-me,

Essa tua maganice

Póde mais que mil alcaldes.

*Pip.* Não metta o negocio a bulha

*Paq.* Eu quero metter a pazê;

Olha, sabes que lembra!

Pódes commigo cazar-te;

E supõem que a saya, e capa

Foy coula em que me dotastes.

*Pip.* Pois vossê queria, diga,

Cazar commigo!

*Paq.* E não sabes,

Que essa foy, he, e será

Minha ultima vontade?

*Pip.* Quero logear este tollô. *á p.*

Pois olhe, a ser amante

Vossê não me desagrada;

O corpo tem muy bon talhe;

Por aqui he muy bem poito,

Vire-se destroutra parte:

He capaz, pois has de ser

Meu marido.

*Paq.* Já não cabe

Esta alma dentro no bucho;

Estou para esfrangalhar-me;

*Pip.* Mas he preciso primeiro

Pertender-me com visagens,

Vir a fazer-me vezitas;

Porque nós as divindades

Só concedemos favores

A quem nos dá vassallagem!

*Paq.* Virey de muy boamente;

Mas se chegar a encontrar-me,

Tamo que algum destes guardas

Me prenda outra vez, e agarre,

Por fardo de contrabando,

Ou Paquete de pilhage.

*Pip.* Não tenhas medo, eu te dou

Hum industria de escapar-te.

Agora o lógro de todo. *á p.*

Toma este anel de tambaque;

Tem seatido, não o percas,

E em querendo vir fallar-me

Mette-o no dedo, e verás,

Que elle por modo admiravel

Te muda em rapas pequeno:

E assim com este disfarce

Pódes entrar, e fahir,

Sem temer que alguem te agarre;

Pois escapas por crianca.

*Paq.* Ha coula mais importante!

Venha depressa esse anel.

*Pip.* Toma-o, vay-te e esta tarde

Logo pelas duas horas

Espero venhas fallar-me.

*Paq.* Promptamente vou n'um pé.

*Pip.* Vay, Paquete, a encriançar-te.  
*Paq.* Vou, porque feito menino,  
 Pipia ha de acalantar-me. *Vay-f.*

*Sahe Ronheta*

*Ran.* Que traficancias são estas,  
 Que historias, que maganções:  
 Isto he cousa que se soffra!  
 Huma rapariga grave  
 Fallando com tal descoco  
 Para a rua! que salvage  
 Era este, com quem fallavas,  
 Que foy para aquella parte!

*Pip.* Eu fallar! que testemunho!  
 Eu esconjurava os ares.

*Ran.* Querer negar o que eu vi!  
 A mim Pipia enganar-me!  
 Aposto aqui para nós,  
 Que era algum estravagante,  
 Com quem a furtar-lhe o fato  
 Anda forjando cazar-se!

*Pip.* Eu cazar! tal me não veyo  
 Ao juizo, Deos me guarde  
 Mas olhe quier que lhe diga:  
 Se eu resolvera a cazar-me  
 Só voffé; Senhor Rainheta;  
 Me prendera a liberdade.  
 Logremos este tollete. *a p.*

*Ran.* Que palavra he que fallaste,  
 Que entrando polos ouvidos  
 Deo no coração hum baque?

*Pip.* Digo que ainda não vi quem  
 Como voffé me agradasse.

*Ran.* Pois se eu quoro, e se tu queres,  
 Que falta para ajustar-me!  
 Cazemos, minha Pipia.

*Pip.* Ido ainda tem seus vagares.  
 He preciso pertender-me,  
 Toda a hora namorar-me,  
 Vir a caza, e assistir-me,  
 E porque sabas as artes  
 Que uso para te querer,  
 (Quero húa peça pregar-lhe) *a p.*  
 Tenho huma laya, e hum capello  
 De Celestina Fernandes,  
 Que foy grande feiticeira,  
 Quem veste em si estes trastes  
 Fica logo transformado.  
 Em velha, anda cá vou dar-te  
 O que te digo, pois podes,  
 Vestido neste disfarce,

Entrar, e fahir, dizendo;  
 Se alguém chegar e observar-te,  
 Que és minha tia, ou avó,  
 E que vens a visitar-me.

*Ran.* Bella cousa! estou saltando!  
 Anda já, não te dilates.

*Pip.* Vamos, veja o que me deve!  
 Assim he enganão basbaques. *Vay-se.*  
 Vista de Sala. *Sahe Artabano, e Nicandro.*

*Art.* Tudo se perdeu. Nicandro  
 Já minha idéa confusa  
 Não acha mais que perigos,  
 Com que o coração se affusta,  
 Ernesto já na prizão  
 Não está.

*Nic.* E tu que julgas  
 Deste successo esquivo?

*Art.* Julgo que ElRey por ventura!  
 Os tumultos réceando  
 Dessas militares turbas,  
 Lhe mandou tirar a vida  
 Occultamente. E he muy dura  
 Pena para hum Pay, saber  
 Que de huma sentença injusta  
 Hum filho padeceo morte,  
 Sendo do Pay toda a culpa.

*Nic.* Bem discorres; mas que intentas  
 Fazes em tal desventura!

*Art.* Não sey, porque este cuidado  
 Todo o discurso perturba.  
 Eu perparava a meu filho  
 A Real investidura;  
 Mas se morreo, toda a empreza  
 Destruio impia fortuna.

*Nic.* Pois, Senhor, agora tens  
 Por este successo duas  
 Razoens de dar ao Réy morte:  
 O teu odio antigo he huma,  
 Outra só para vingar  
 De teu filho morto a injuria.  
 Morra Artaxerxe: não ha  
 Quem ao Regio Throno subar  
 Sóbe tu, aqui estou prompto,  
 Sem ter cobardia alguma,  
 Para dar-te obediencia,  
 E obrigar com a espada nua  
 Toda a Persia a segurar-te  
 Na cabeça a Coroa augusta.

*Art.* Ah Nicandro, que esta empreza  
 Muito se me difficulta!

*Nic.* Antes he facil; se acaso  
Com meu conselho te justas.

Esta tarde se coroa

Artaxerxe, e se costuma,

Quando a guardar os Vassallos

Em guerra, e paz o Rey jura;

Beber hum sacro licor;

Tu, sem que tal se presume,

Lança na taça veneno;

E quando Artaxerxe coida

Que bebe o licor sagrado,

Bebe a morte; entao seguras

Terey guardas, e cohortes,

Porque apenas se divulga

Que Artaxerxe morre, logo

Ao Regio Throno te subaõ.

*Art.* Bem dizes; muito te devo.

*Nic.* He justo que eu retribuia

Quanto por mim tens obrado.

*Sabe Semira.*

*Sem.* Meu Pzy, que voz tao confusa

Ouçõ em Palacio? morreo

Ernesto!

*Art.* Assim conjectura

O temor, pois se receya

Que ElRey lhe deo morte occulta.

*Sem.* Ha mayor impiedade!

Ha tyrannia mais dura: *chava.*

*Nic.* Semira, suspende o pranto,

Naõ he tempo de ternuras,

Nada nos servem suspiros,

Para vingança de injurias.

Este he o Rei a quem tu amas!

Pondera como te adulla,

Quem mata o Irmaõ bem merece

Que sejas Esposa sua.

*Sem.* A dar em quanto occupada

Naõ dá resposta a loucuras.

*Art.* Ah querido filho, quanto

Tua memoria me custa!

*Nic.* Senhor, vamos aos intentos,

Animo, valor, e industria.

*Art.* Queira o Ceo q a esta desgraça

Se siga aquella ventura. *Vaõ-f.*

*Sabe Eritrea*

*Sem.* Já pôdes, impia Eritrea,

Dar parabens á fortuna.

*Erit.* Pois deo liberdade a Ernesto

Meu Irmaõ!

*Sem.* Antes se julga,

Que lhe deo tyranna morte

No carcere. Morte injusta!

*Erit.* Ha dias mais desgraçado!

*Sem.* Já tua vingança dura

Exercitastes tyranna:

Que mais queres: que confusa

Nesta noticia te vejo.

Talvez, Princeza, te affusta

Ver naõ tinha muitas vidas,

Para perder todas juntas.

*Erit.* Ah Semira, não discorres!

Antes se eu pudera a sua

Unir a minha, lha dera

Para viver. Mas confusa

Deva de estar quando fio

Os affectos da pronuncia. *á p.*

Vai-te, deixa-me, Semira,

Peço-te que de mim fujas.

Porque naõ quero quem seja

Da minha dor testemunha.

Da minha pena, e meu gosto

Só sabe o peito, que o occulta:

Pois se naõ espero alivio

Divulgallos he loucura.

Deixa-me só, e acautela

Naõ entre pessoa alguma

Nesta caza. *Sem.* Eu te obedeco;

Barbara, tyrãna, e dura,

Sendo a causa da ruina,

Do mal que causas te affustas! *V.*

*Erit.* Agora solitaria,

De dor eternecida,

Quero, por desaffogo,

Mudar em compaxoens as minhas iras;

Pedi de Ernesto a morte,

Por que era delRey filha;

Agora, como amante,

He bem que o estrago do amado sinta.

Corra dos olhos pranto

Em dor tao excessiva: *chorando.*

He justo que nas faces

Publique o amor de seu rezar noticias:

*Ernesto ao bastidor.*

*Ern.* Naõ posso retirar-me

Sem ver aquella impia,

Que, ou me queira ou me offenda,

Sempre he do coração fera homicida.

Naõ temo que me encontrem.

Temeraria ousadia!

Mas quando soube o affecto

No receyo mayor ter cobardias!

Encontrei-a. Ah tyranna !  
 Como está pensativo ;  
 Talvez que considere  
 Modos de me apressar maior ruina ,  
 Lagrimas de seus olhos  
 Vejo correr, feria  
 Por não ver espirar  
 Em publico theatro a minha vida.  
*Erit.* Em fim, perdi o amante.  
 Como, ó alma, te animas !  
 Vé que he injurioso  
 Descredito da dor estares viva. *chora.*  
*Ern.* Alento, coração ;  
 Porque a minha inimiga ;  
 Já mais branda do genio ,  
 Dá indícios de amor, por compassiva :  
*Erit.* Ah Ernesto querido !  
*Ern.* Ah minha alma respira.  
*Erit.* Perdeste a vida, amado !  
*Ern.* Morto me julga já, triste, e sentida.  
*Erit.* Pois se já não te vejo,  
 Hei de viver ainda ?  
 Va minha alma buscar  
 Aquella, donde alentos recebia.  
 Quero seguir-te, Esposo,  
 Lá nessa escura estigia,  
 Este ferro cruel. *tira hum punhal.*  
 Me conduza a minha alma á minha vida.  
*Vai a ferir-se, Jahé Ernesto, que a dezem.*  
*Ern.* Suspende-te, Eritrea,  
 Não formes a ferida,  
 Inda vive o motivo,  
 Porque quasi mortal hoje suspiras.  
*Erit.* Oh Deuses ! *cohe-the o punhal.*  
*Ern.* Que furor,  
 Que indignação te incita :  
 Não vés que nesse golpe  
 Se hum peito feres, duas almas tiras.  
*Erit.* Pois tu neste lugar !  
 E não pagaste ainda  
 Com tua justa morte  
 O crime da mais fêra aleivofia :  
 Aumenta-te de mim,  
 Pois se alguém te diviza  
 Commigo, que dirá !  
 Que tambem tenho parte na perfidia.  
*Ern.* Eu não podia, ah fêra !  
 Sem vir á tua vista  
 Deixar a minha Patria.  
*Erit.* Que pertendes de mim, alma inimiga  
*Ern.* Não, Princesa, não falles

Com tão ferozes iras ;  
 Tens melhor coração ,  
 Posto que as tuas vozes sejas impias.  
 Ouvi quanto fallaste  
 Quando te enternecias,  
 E sei que no teu peito  
 Inda dura de amor a chama adiva.  
*Erit.* Ou mentes, ou te enganas.  
*Ern.* E como, se eu te ouvia !  
*Erit.* Pois fallaria a bocca,  
 Sem que a alma concorresse a dirigilla.  
*Ern.* E não sou teu amado !  
*Erit.* Só és offensa minha.  
*Ern.* Inda queres vingança !  
*Erit.* Inda a desejo.  
*Ern.* Perto está, respira,  
 Aqui tens o meu peito,  
 Se vingança queras *(offerece.*  
 Toma o ferro cruel, *levanta o punhal e lho*  
 Rompe, não tenhas dó, tira-me a vida.  
*Erit.* Morte da minha mão  
 Castigo não seria :  
 Se a pedes por fineza,  
 Premio te dava, dando-te a ferida.  
*Ern.* Errei : mas se não queres  
 Matar-me por esquivá,  
 A minha mão será  
 Quem metta o ferro, quem meu peito fi-  
 ra *Vai a ferir-se, e ella o suspende.*  
*Erit.* Suspende-te, que fazes !  
*Ern.* Faço o que tu queras.  
*Erit.* Não, que não basta, ingrato,  
 O teu sangue a pagar offensas minhas,  
 Só de huma morte infame  
 He tua culpa digna,  
 Morrer ás tuas mãos  
 Não he castigo, era valentia.  
*Ern.* Pois barbaro, tyranna,  
 Acabarei a vida  
 Como tu queres : torno  
 Para a mesma prizão donde sahira. *faz q*  
*Erit.* Ouve, Ernesto. *(se vai,*  
*Ern.* Que queres !  
*Erit.* Amor, não sei que diga. *á p.*  
*Ern.* He esse dilatar-me  
 Do teu antigo amor qualquer reliquia !  
*Erit.* Cruel, porque me matas !  
 A que excessos me obrigas !  
 Vai-te, salva-te, fuge,  
 Meu triste coração não mais afflijas.

**Ern.** A tua compaixão  
 Bem teu amor indica.  
**Eric.** Não me creias amante,  
 Basta que me conheças compassiva.  
**Ern.** Basta-me essa piedade,  
 Posto te veja esquiua:  
 Pois sei que no teu peito  
 Guardas fé, tens brandura, amor animar.  
*Vêo-se, e sahe per huma parte Paquete, e*  
*por outra Ranheta de saia, e capello.*

**Paq.** Tomára ter hum espelho,  
 E ver esta perspectiva,  
 Para ver se zecado o anel  
 Me tem feito criancinha  
 Eu se olho para os meus dedos  
 Vejo cinco longariças,  
 Se ponho a mão no nariz  
 Encontro hum barco com quilha.  
 As pernas são bons dous ceços,  
 A barriga he huma pipa,  
 E hei de parecer criança?  
 He forte feiticiaria!

**Ran.** Aqui vem Ranheta em carne  
 Encapellado a fordinha,  
 Barbado por natureza,  
 Velha por nigromancia.  
 Ah Pipia dos meus olhos,  
 A quanto excessão me obrigas!

**Paq.** Mas que bonifrate he aquelle,  
 Que para aqui se encaminha!

**Ran.** Aqui vem Paquete! sim,  
 Olhem o mofino! ora irra,  
 Que sempre este demo segue  
 Como sombra a minha dita!

**Paq.** He Ranheta. Bello trafte!  
 Se este dedo me addivinha  
 Anda por aqui alguma  
 Travessura de Pipia

**Ran.** Mas se elle me não conhece  
 Eu fallo com voz sêdica.

**Paq.** Mas se eu pareço menino,  
 Que importa, ainda que me sinta!

**Ran.** Vossê que quer aqui dentro!

**Paq.** Eu queria fazer mijsa,  
 E vomissê que quer cá!

**Ran.** Ai que se fez criancinha! *á p.*  
 Eu venho ver huma moça,  
 De quem ha muito seu tia.

**Paq.** Vomissê he tia, ou tio!

**Ran.** Essa pergunta he mui linda!  
 Sou tia em carne. **Paq.** Má hora,

Só se for tia possiça.

**Ran.** E tu quem és?

**Paq.** Quem, eu cá!

Eu sou Manoel da yfinha,  
 Irmão de Antonia Pardelha,  
 Neto de Salva parilha.  
 Olhe, vê! tenho hum piaó;  
 Sabe como o mestre ensina  
 A quem a lição não sabe:  
 Dá-lhe assim hu cóque emcinna. *dá-lh*

**Ran.** Fóra tollo: vossê cuida  
 Que eu não o conhece ainda?

**Paq.** Ora diga: quem sou eu?

**Ran.** Es Paquete.

**Paq.** Ora he mentira,

Que eu sou meiro de mamma

**Ran.** De burro, que tal seja.

**Paq.** Irrá!

Que eu sou menino pequeno!

Quê quero tanguer Pipia.

Ora apeslar que addivinho

Quem he vossê? quer que o diga?

He Ranheta: si que advinhei,

Curriada, senhora tia.

*Dilatar-se-haõ o tempo que quizerem, fala-*  
*lando hum de criança, outro de velha, até*  
*que armem bulha, e sahe Pipia com*  
*hum jão a apartallos.*

**Pip.** Que bulha he esta: que estrodo!

Ha quem tal metim confinta!

Vossês a jogar os couces?

Isto he cara, ou estrevaria?

**Paq.** Tudo pôde ser, pois mora:

Sua mercê tão visinha.

Mui bom anel de tambaque,

Mui galante criancinha!

**Pip.** He porque vossê fei tollo,

Não o pôs onde enfeitça.

Diga: em que dedo o metto!

**Paq.** No meminho.

**Pip.** E que queria.

Se elle deve ser mettido

No outro dedo mais acima!

**Ran.** Mui boa saia, e capello!

Era o da senhora tia!

**Pip.** He porque vossê vestio

A saia com contrapiza,

E em summa, vossês são tollos!

Nenhum me mette cabiça,

Para ti dou quatro trincos,

Para ti trezentas figas.

**Paq.**

**Poq.** Não ha mais claras finezas.  
**Ran.** Não ha mais deces caricias.  
**Pip.** Sim, pois velle que espreovant  
 Velle de que tem cubiga!  
 Não he para a sua bocca  
 Esta Senhora Pipia. *V.ã-f.*  
**Poq.** Senhora tia, seu roço. *V.ã-f.*  
**Ran.** A Deos, senhor criancinha. *V.ã-f.*

Acto de Coroação do Rei. *Artaxerxe no  
 Throno, Artabano, e Ranho.*

**Artx.** Este Sóllo, ó meus Vassallos,  
 A que me subistes heje,  
 O Ceptro, que me entregais,  
 Esta Coroa, que me pondes,  
 São estímulos bizarros,  
 E vivos despertadores,  
 Que me obrigaõ a offerecer,  
 Para Vassallos tão nobres,  
 Não só de Rei os auxilios,  
 Porém de Pai os amores.  
 Segurai-me vós o Throno,  
 Que eu tambem cem braço forte  
 Segurarei vossas vidas  
 Contra os successos atrozes,  
 Ou no descanso das pazes,  
 Ou nos campos de Maverte.  
 Assim o juro, e prometto,  
 Em tudo seguindo a ordem  
 Daquelles ritos sagrados,  
 Que seguem nossos maiores.

**Ran.** Hoje temos nós festança  
 De outra qualidade, e lote,  
 Será preciso alargar  
 A' nossa barriga os maldes.  
**Art.** Esta he a sagrada taça,  
 Em que o licor se recolhe:  
 (E tambem nelle o veneno, *á p.*  
 Que a minha traição encobre.)  
 Faze o juramento, e bebe.  
 (Mas nelle bebes a morte.) *á p.*

**Artx.** Delfico Apollo Sagrado:  
 Eu juro solememente  
 De guardar da Persia a gente  
 Com vigilante cuidado.  
 Se meu animo simulado  
 Neste juramento ordeno,  
 A mim proprio me condeno:  
 Pois se não fallo verdade  
 Converta vossa Deidade  
 Esta bebida em veneno.

*Vai a beber, e se fassendo aos eccos,  
 que ouve, Sabe Semira.*

**Vozes dentro.** Traição, traição.  
**Sem.** Artaxerxe,  
 Pela tua vida acode,  
 Olha que tens rebelada  
 Contra ti paite da Certe.  
**Artx.** Oh Deoses! **Ran.** Este metim  
 Chegou tambem ao pobre!  
**Art.** Quem terrorio, e atrevido  
 Em tanta curadia rompe!  
**Artx.** Oh quanto tarde o conheço!  
 He Fructo quem concorre  
 Para me tirar a vida!  
**Sem.** Pois a Ernesto mortal golpe  
 Não separou a cabeça?  
**Artx.** Não; he vivo, porque pode  
 Seu pérfido fingimento  
 A tal compaixão expor-me,  
 Que lhe dei a liberdade,  
 Para agora armas ferozes  
 Mover contra minha vida,  
 Capitaõ de vis traidores.  
**Ran.** Isto he homem endiebrado;  
 Ou diabo em carne de homem.  
**Art.** Não tenhas, Senhor, receio,  
 Deixa, meu Rei, os temores,  
 Tens a teu lado Artabano,  
 Eu basto para dar morte  
 A quantos contra o teu Ceptro  
 Empreendem acções enormes.  
**Artx.** Pois, amigo, a castigar  
*Sabe Eritrea, e Pipia.*  
**Erit.** Para, Senhor, não dês vczes,  
 Já se applacou o tumulto.  
**Pip.** Graças ao tonante Jove,  
 Quem ninguem tuje, nem muje;  
**Artx.** Pois como. **Eritrea!** **Erit.** Ouve!  
 E talvez que a novidade,  
 Quanto te alegre, te affombre.  
 Em demanda de Palacio  
 Vinha a rebelde cohorte  
 De Nicandro governada;  
 Já quasi estava defronte  
 De Palacio, oh Deoses! quando  
 Ernesto ligeiro acode,  
 E, cuidando que se ultrajava  
 O sagrado do teu nome,  
 Tira a espada da bainha,  
 Como féro Leão corre

Contra a gente conjurada,  
E, com valentia nobre,  
Dizendo: Viva Artaxerxes:  
Cortou com braço tão forte,  
Que em cada mover da espada  
Despedia muitos golpes:  
Huns applacou c'ò semblante,  
Outros com ardor das vozes,  
Nicandro pôs-se em fugida,  
E aos mais rebeldes deo morte.

Pip. Até o negro Paquete  
Pregava tamanhos coucês,  
Que a hum leyou o nariz,  
A outro ambos os bigodes.

Ran. Se me enontra no conflicto  
Cobre-me de piparates.

Art. Ah louco filho!

Artax. Algum Numen  
De idéas mais superiores  
Me inclinou para falvallo.

Frit. Sim, claramente se loube  
Que a elle debes a vida.

Artax. Ernesto aonde está, aonde?

Ran. Aqui vem o muito illustre  
Carniceiro de traidores.

Sabe Ernesto, e Paquete.

Ern. Aqui estou, meu Rei, presente.

Com desaffogo mais nobre,  
Porque já não necessito  
Quem minha innocencia abone.

Artax. Vem, ó amigo, a meus braços,

E o meu coração renove  
Nestes laços do carinho  
Aquelles mesmos amores,  
Que o meu affecto conserva,

E que merecem teus offeças.

Paq. A teus pés tambem offeço

Estas mãos de tão bom lote,

Que matará mais foidados  
De que pilhos os pobres.

Artax. A tua fidelidade,

Amigo Ernesto, perdoo,

Que eu ao menos presumisse

De teu brio a acção torpe:

Mas para que toda a sombra

Do delicto se soffoque,

Conta-me, Ernesto, relata

Para onde fugias, donde

Manchastes co'sangue o ferro.

Como tal silencio coube

No peito, que antes queria

Padecer horrivel morte;  
Do que fallar. Ern. Esta acção;  
Que obrei contra os teus traidores;  
Julgo que premio merece.

Artax. Muito grande, pede, escolhe.

Ern. Pois eu peço-te por premio,

Que tu per hora me poupees!

A obrigação de fallar

O segredo, que a alma encobre;

Basta que eu seja innocente,

E que tu, meu Rei, renoves

Segurança no teu Reino,

A qual larges annos gozes

Para as desgraças distantes,

Para as venturas conformes.

Mas para que ao mundo todo

Meu credito, e brio conste,

Lançando-mão dessa taça

Jurarei em altas vozes,

Que sempre te fui fiel.

Art. Ai de mim se bebe morte. *á p.*

Artax. Pois, Ernesto, toma a taça:

Jura, e bebe. Art. Trance enorme! *á p.*

Ernesto, julgo escuzado

Fiz juramento. Ern. Pódes

Tu julgá-lo, mas eu não.

Art. Quanto lusto a alma resolve. *á p.*

Artax. Deixa, Artaxerxes, que jure

Teu filho, que assim acode:

A fazer a sua fé,

E a tua fama mais nobre.

Art. Ah filho, como he possível

Que o teu precipicio ignores,

Pois bebes incautamente

Nesse licor tua morte! *á p.*

Toma Ernesto a taça, e fizeo juramento, e ao tempo que a chega á boca o suspende Artaxerxes.

Ern. Delfico Apolls, Numen Soberano,

Recebe suave, e humano

Este meu juramento

Por teu sacro esplendor eu juro attento.

Que sempre conservei fidelidade

Ao meu Rei, e não sendo isto verdade

Nesse licor, que bebo, me condena.

Art. Tem mão filho, não bebas, q' ho veneno!

Artax. Veneno! pois como assim? *teu veneno se*

Ern. Na Regia taça veneno! *(assustado)*

Artax. E quem contra a minha vida

Formou crime tão horrendo,

*Art.* Eu fui, tempo he já que a voz  
 Declare todo o segredo  
 Das maquinas, que não podem  
 Estar occultas mais tempo.  
 Eu fui, eu, quem incitado  
 Da ambição ao Regio assento,  
 Quiz a Real descendencia  
 Extinguir em todo o Reyno.  
 Eu fui quem matei a Xerxe,  
 Eu quem banhei duro ferro  
 No seu sangue, e aquella espada;  
 Que achaste na mão de Ernesto,  
 Era minha, que eu lhe dei,  
 Pois para não ser suspeito  
 Ate lancei de mim fóra  
 Pesta traição o instrumento.  
 Elle, entré o Rey, e entre o'Pai,  
 A hum, e a outro fist sendo.  
 Antes quiz expór a vida  
 Da que estragar o silencio.  
 Mas eu hoje, imaginando  
 Que por teu impio decreto  
 Fôava meu filho morto,  
 Occultamente e n'esso  
 Que encobreny esta taça,  
 Para que no juramento  
 Bebesse a tua morte,  
 E, extinto o sangue Regio,  
 Subisse eu a ver coroados  
 No alto Solio os meus dezesos.  
*Art.* Ha traição mais séra, e normae!  
 Ha mais louco atrevimento!  
*Paq.* O tal amigo Artabano  
 He pai velho dos enredos.  
*Ern.* E agora, Senhor, quaes são  
 Os teus projectos, e intentos?  
*Art.* São tirar a vida ao Rei  
 Sem rebuço, susto, ou medo.  
 E quanto não pôde a industria  
 Executar com o ferro.  
*Tira a espada, e querendo accommetter a*  
*Artaxerxe o detem sempre Ernesto.*  
*Ern.* Suspõe a furia, Senhor,  
 Vê que o teu Rei: *Art.* Nada vejo.  
 O'lá. Soldados rebeldes,  
 Morrá Artaxerxe, que he tempo  
 De exercitar vossas armas.  
 E conquistar-me este Imperio.  
*Art.* O da minha guarda, vindé  
 Defender o Rei, e o Reino.  
*Ern.* Não venha, Senhor, a guarda,

Bastá eu só a defender-vos.  
*Art.* Pois tu oppões-te a teu Pai *Ern.* Sim,  
 Oppõe-me a hum Pai séro.  
 Por parte do hum Rei benigno.  
*Ran.* Eu est'u de puro medo  
 Taõ pequeno como pulga,  
 Taõ molhado como o Inverno.  
*Art.* Deixa esperar esta espada para Ernesto.  
 No sangue daquelle peito.  
*Ern.* Não poderas, porque eu sou  
 Quem tuas iras suspendo.  
*Art.* Pés que queres, dar-me a morte?  
*Ern.* Não, antes dá-la a mim mesmo,  
 Ou deixa a espada, ou se não,  
 Olha que bebo o veneno.  
*Voy Pinello a tocar mão da taça, e o Pay o*  
*detem, quando elle occomette a deit' Ernesto.*  
*Art.* Ah filho ingrato, que intentas!  
 Queres aqui vér-me prezo,  
 E em paga dos meus delictos  
 A morte infame sujeito?  
*Ern.* Nada quer do que dizes:  
 Mas só ao meu Rei defendo.  
*Art.* Pois eu contra os teus clamores  
 Só tirar-lhe a vida intento. *envelse.*  
*Ern.* Senhor, se moves hum passo *detendo-o,*  
 Olha que bebo o veneno.  
*Art.* Oh cruel ingrato filho,  
 Honrado, mas com excessõ,  
 Pois compras a tua fama  
 Dando a minha vida em preço.  
 Viva o Rei, tu lhe dás vida,  
 Ahi lança a teus pés o ferro,  
 E agora já, desarmado,  
 Merecerei porque tu vivas.  
 Tu com honra, eu com desprezo:  
 Vou esperar a sentença,  
 Que com tyranno decreto  
 Mande esta infeliz cabeça  
 Cariar com duro cutelo: *Voy-f.*  
*Art.* O'lá, siga-se o traidor,  
 Seja com cautela prezo,  
 Para dar com sua morte  
 Da minha justiça exemplo.  
*Paq.* E se não houver carraço  
 Aqui temos este velha,  
 Que em caso necessitatis  
 Póde compor-lhe o esbello.  
*Ran.* Eu só posso em teu peçoço

He que teres algum geito.

*Artax.* Hoje na minha vingança  
Presenciará o meu Reyno  
Para as idades futuras  
Hum justissimo escarmento.

*Ern.* Meu Rey, meu Senhor!

*Artax.* Que queres?

*Ern.* Se acaso mereço Ernesto  
Em premio de tanto amor,  
Em paga de tanto affecto:

*Artax.* Não, a vida de teu Pai  
Não peças, pede-me o Reyno,  
Pede minha Irmaã, que eu tudo  
Liberalmente concedo,  
Mas teu Pai ha de pagar  
A vileza dos seus erros.

*Ern.* Pois, meu Rei, se premio algum  
Do teu grande amor mereço,  
Não supplico que perdes  
O delicto, mas só quero  
Que commutes o castigo  
De hum para outro sujeito.

Hum Pai, e hum filho té ambos  
O mesmo sangue, isto he certo:

Pois, Senhor, dá vida ao Pai,  
E mata seu filho Ernesto,  
Vingas em mim o seu crime,  
E assim sempre fica sendo  
Nelle a vingança, antes julgo,  
Que com mais duro tormento  
O golpe da minha vida  
Lhe traspassava seu peito.  
Reparta-se entre nós ambos  
Teu castigo justo, e recto,  
Padeça elle a compaixão,  
Que a morte eu padecer quero.

Isto prostrado a teus pés.  
Com mil supplicas te peço,  
Vivá meu Pay Artabano,  
E morra seu filho Ernesto.

*Artax.* Viva teu Pai Artabano,

E viva seu filho Ernesto.  
A mim não me deve a vida,  
Só ao teu merecimento:  
Que a hum Vassallo tão fiel,  
E de tão brioso excessão  
Toda a Regia concessão  
He mui diminuto premio:

Mas sempre pede a justiça,  
Que teu Pay viva em desterro,  
Porque eu não veja o semblante  
De hum Vassallo tão perverso.

*Ern.* Por mercê tão liberal  
As mãos mal vezes te beijo.

*Paq.* Se as mãos lhe beija mil vezes  
Come-lhe as unhas, e os dedos.

*Sem.* Eu também tanta clemencia  
Com toda esta alma agradeço.

*Artax.* E agora para que advirtas  
Que este não he só teu premio,  
Mais alta empreza medito

Por coroa dos teus extremos:  
Tua Irmaã he minha Esposa,  
Duas vezes bem lhe quero,  
Huma vez porque he Semira:  
Outra por Irmaã de Ernesto.

*Sem.* Eu na minha mão esta alma,  
Que era já tua, te entrego. *dão as mãos.*

*Artax.* E tu de Ernesto, Eritrea,  
Serás Esposa. *Ern.* Eu acito

Aquella dita, que ha muito  
Appetecia, e desejo. *dão as mãos.*

*Ern.* Eu na tua Regia mão  
A minha gloria recebo.

*Ran.* Para que he de ter vergonha,  
Se he tempo de casamentos!

Lanço-me a mão de Pipia  
Com todos os cinco dedos.

*Paq.* Tire-se lá, não seja asno,  
Que estes brancos garavetos  
Só podem accender lume  
Na chaminé do meu peito.

*Pin.* Aqui tens a mão, Paquete, *dão as*  
Não me aperte, effeja quedo, *(mãos.*  
Que me está dando effalinhos  
A mão de contentamento.

*Paq.* Éa de gosto em mim não caibo  
Da cebeça aos tornozelos.

*Ern.* E com este fim ditoso  
Se acaba o feliz successo,  
em que o mais heroico brio  
Deixa ao mundo hum raro exemplo,  
Que entre trances apertados  
A vida, e honra funestos  
Importa sempre guardar  
O mais heroico segredo.

